

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Thiago Santini Breda

**A greve dos jogadores de futebol profissional no Uruguai:  
jornal El País (1948 – 1949)**

**FLORIANÓPOLIS**

**2015**



Thiago Santini Breda

**A greve dos jogadores de futebol profissional no Uruguai:**

jornal El País (1948 – 1949)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte.

**Florianópolis**

**2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

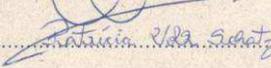
ATA DE DEFESA DE TCC

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e quinze, às dezesseis horas, na sala trezentos e oito do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Adriano Luiz Duarte**, Orientador e Presidente, a Professora **Patrícia Volk Schatz**, Titular da Banca, e o Professor **Diego Pacheco**, Suplente, designados pela Portaria nº114 /TCC/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Thiago Santini Breda**, subordinado ao título: “**A greve dos jogadores de futebol profissional no Uruguai: jornal El País (1948 – 1949)**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Adriano Luiz Duarte**, a nota final 10,0, da Professora **Patrícia Volk Schatz**, a nota final 10,0, e do Professor **Diego Pacheco**, a nota final 10,0; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia onze de dezembro de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

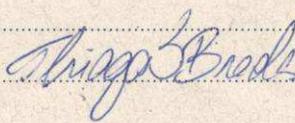
Florianópolis, 1.º de dezembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. **Adriano Luiz Duarte** 

Prof. **Patrícia Volk Schatz** 

Prof. **Diego Pacheco**

Candidato **Thiago Santini Breda** 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Thiago Santini Breda, matrícula n.º 11101969, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A greve dos jogadores profissionais de futebol profissional no Uruguai: jornal El País (1948-1949) com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 07 de dezembro de 2015.

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram essenciais nessa minha feliz caminhada. Tive a oportunidade e o privilégio de, ao longo desses 5 anos como estudante do curso de História, conhecer e conviver com pessoas maravilhosas que, cada uma de sua forma, contribuíram para que eu chegasse ao fim de mais essa importante etapa da vida. A todas elas agradeço por esse trabalho!

Como não agradecer a família por primeiro? Quero agradecer do fundo do meu coração a minha mãe, Maria Clara, pelo amor incondicional que tu nutre por mim. Por ter me apoiado em todas as decisões, por estar sempre ao meu lado, por esses anos de incansável apoio e incentivo. Se hoje eu estou me formando no curso que sempre desejei fazer, tudo eu devo a ti, minha mais linda e fiel amiga. Te amo demais!

Meu pai, Antonio Carlos, popularmente conhecido como Toninho, meu grande companheiro! Muito obrigado pelos anos de amizade e pelo amor que o senhor sente por mim. Obrigado por, aos nove meses de idade, me levar ao estádio Centenário e me apresentar uma grande paixão que eu vou levar por toda vida, a S.E.R Caxias! Obrigado pelas cervejas, pelas risadas, pelas conversas. Te amo!

Meu primo, irmão, coloradaço, Felipe eu agradeço pelos anos de amizade e apoio. Tu é um verdadeiro guerreiro! Te admiro demais! “É nois toda vida mais três meses”! Tamo junto!

Meus tios e tias: Vando, Betânia, Débora, Beca, Luiz Augusto, Beth e Airton.  
Meus primos e primas: Gustavo, Carolina, Gabriela, Camila, Juliana e Elizabeth.

Agradeço ao meu orientador, Adriano Luiz Duarte, pelo aceite em orientar esse trabalho, onde dedicou toda a atenção necessária, e pelo excelente professor que tu és. Certamente um dos melhores professores que eu tive em sala de aula. Quero estender meu agradecimento a todos professores e professoras do curso de História da UFSC, pelos ensinamentos, pela dedicação e pela minha formação. Muito obrigado! Agradeço também ao professor Rodolfo Porrini da Universidad de La República (Udelar) pela atenção e pela preciosa bibliografia, que sem ela, esse trabalho não seria possível.

É impossível não mencionar o PET-História, parte fundamental da minha graduação, onde tive a oportunidade de conviver com pessoas inteligentes e fazer grandes amizades. Agradeço: Gusta, André, Abel (canalha), Lucas, Douglas, Cissa, Dandara e Carina. Agradeço também ao professor João Klug, grande admirador, assim como eu, de um bom chimarrão!

Agradeço aos colegas da minha turma 2011.1, cujo amizade e admiração eu vou levar para além dos muros da UFSC: Giovanna, Alexandre, Gabriel, Felipe, Jovenson e Tiago.

Se tem uma coisa que eu fiz nessa período da graduação, essa coisa foi dar risada! Por isso agradeço a grandes amigos, parceiros de buteco, futebol e “piação”! Gui Negão, Gui Branco, Ursinho, Duweboy, Potter, Felipe, Fábio, Felipe Neis, Chico, Gustavo Izidio, La Buca, Lucas Dantas, Dedé, Mathias, Andrés, Luã e o argentino “xente boa” do Gaston! É tudo nosso! Tamo junto! Aquele abraço!

Agradeço também aos meus amigos de Caxias do Sul. Alô galera do Emílio Meyer! Jesus, Bruneco, Vampeta, André e Vivente! Valeu pelos anos de parceria!

Aos amigos que eu fiz durante meu intercâmbio para Santa Fe, Argentina: Chicharito, Daniel, Luquita da Galera, Carlitos, Camila, Luiz Felipe (Chavão) e Matheus. Obrigado pelo convívio maravilhoso nesses seis mágicos meses de 2013!

Um muitíssimo obrigado a dois verdadeiros irmãos que eu fiz nesses anos que moro aqui em Florianópolis. “Me ajuda aí poh!” Ao Palmeirense André Mello, mais conhecido com “Menino Carrinho” parceiro de imitação, de futebol, de Happy Hour e de butecos! Agradeço demais tua amizade my boy! Ao meu grande camarada, um verdadeiro irmão nessa jornada, Thiago de Oliveira (O marujo). “Tá pegando pa tu boy”! Muito obrigado por essa verdadeira amizade! Estilo Zinga vida loka!

Por fim, quero agradecer e dedicar esse trabalho a uma pessoa com quem convivi intensamente por breves 5 meses, suficientes para marcar toda a minha vida. Pamela Rivera, obrigado por teu destino ter se cruzado com o meu. Um pedaço do meu coração sempre estará em Toluca.

"..mi pensamiento más profundo también eres". Te quiero, Pam!

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar, através das páginas esportivas do jornal El País, a greve dos jogadores profissionais de futebol reunidos na *MUTUAL Uruguay de Futbolistas Profesionales*, no Uruguai durante os anos de 1948 e 1949. Fundada em 1946, esta instituição foi a primeira entidade representativa dos profissionais do futebol uruguaio. O futebol tem um importante papel na política e na sociedade uruguaia, sendo um forte elemento da identidade nacional. Sem ter acesso aos mesmo direitos trabalhistas - conquistados principalmente durante os governos batllistas das primeiras décadas do século XX - que outras categorias de trabalhadores dispunham, os jogadores entraram em uma longa greve reivindicando - entre outras demandas - uma mudança no regime de contratações, reconhecimento sindical e salário mínimo.

**Palavras-chave:** Futebol; Uruguai; Greve de jogadores; Batllismo

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1. Futebol e Política no Uruguai: primeiras décadas do século XX</b> .....	15
1.1 O ópio do povo?.....	15
1.2 Uruguai: economia exportadora, batllismo e “Suíça das Américas”.....	18
1.3 O futebol no Uruguai das primeiras décadas do século XX.....	28
<b>2. A Greve dos Jogadores Profissionais</b> .....	37
2.1 Situando a fonte: o jornal <i>El País</i> .....	37
2.2 A MUTUAL de jogadores profissionais.....	38
2.3 Chuteiras Penduradas.....	46
<b>Considerações Finais</b> .....	62
<b>Referências</b> .....	64



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a greve dos jogadores profissionais de futebol, filiados à *MUTUAL Uruguay de Futbolistas Profesionales*<sup>1</sup>, no Uruguai durante os anos de 1948 e 1949. Este sindicato, criado no ano de 1946 até os dias atuais é a entidade de representação dos atletas profissionais de futebol no país.

Sempre fui uma pessoa apaixonada pelo futebol e desde que ingressei, no ano de 2011, no curso de licenciatura e bacharelado em História nutria um desejo de estudar, ao final da graduação, algo relacionado com o esporte mais popular do planeta. Paralelo ao meu gosto por futebol caminhava, evidentemente, o meu gosto pela História, principalmente História da América Latina. Esse sentimento me motivou a concorrer, e ser contemplado, a uma bolsa de intercâmbio para estudar um semestre na Universidad Nacional del Litoral (UNL) em Santa Fe, Argentina, no segundo semestre de 2013. Nessa instituição, cursei a disciplina intitulada *Problemática Contemporânea de América Latina*, ministrada pelos professores Hugo Ramos e Alberto Bartolini. Nessa disciplina tive contato pela primeira vez com a temática do *batllismo* e do *neobatllismo*<sup>2</sup> no Uruguai.

Também na Argentina, fui introduzido à literatura latino-americana, e um amigo, sabendo do meu gosto pelo futebol, me presenteou com a obra do escritor uruguaio Eduardo Galeano intitulada *El Fútbol a Sol y Sombra*. Nessa belíssima obra, encontrei uma passagem em que Galeano trata do meio-campista e capitão da seleção uruguaia campeã mundial de 1950, Obdúlio Varela. Busquei conhecer mais a história desse personagem e descobri que ele foi um dos líderes de uma greve de jogadores de futebol no ano de 1948. No ano de 2014, é lançado no Uruguai um documentário intitulado *Maracaná*, de direção de Sebastián Bednarik, que tratava da épica vitória uruguaia

---

<sup>1</sup>Durante o trabalho irei me referir a este sindicato apenas pela palavra MUTUAL

<sup>2</sup>*batllismo*, corrente política do Partido Colorado que se tornou mais dominante ideologia política do Uruguai durante a primeira metade do século XX, que tinha como principais ideais um estado intervencionista na economia e a criação de leis sociais e trabalhistas. *Neobatllismo* ou segundo *batllismo* é a denominação dada pela historiografia uruguaia em referencia ao período pós-ditadura de Gabriel Terra (1933 – 1942) e pós Segunda Guerra Mundial onde o país viveu um momento de prosperidade econômica e social, graças a política de exportação (principalmente carne e lã) para o destruído continente europeu. Durante esse período criou-se o mito de “Uruguai Feliz” e “Uruguai otimista”. In: SOUZA, Marcos Alves. A Cultura Política do “batllismo” no Uruguai: 1903 – 1958. São Paulo. Annablume/Fapesp, 2003

sobre a seleção brasileira em 1950. Nesse documentário é também tratada brevemente a greve dos jogadores profissionais o que me despertou o interesse de buscar fontes e pesquisar tal temática no meu trabalho de conclusão de curso, que se aproximava.

No mês de fevereiro de 2015 fui ao Uruguai onde permaneci durante pouco menos de uma semana, pesquisando nos arquivos da hemeroteca Nacional, localizada no prédio da Biblioteca Nacional em Montevideu. Sem ter um conhecimento prévio acerca de qual periódico pesquisar comecei minha busca pelo jornal *El País*, pois acreditava que, por ser um periódico de grande circulação, encontraria grande quantidade de fontes, o que de fato se concretizou. Infelizmente, a política de conservação do arquivo não permitia fotografar os documentos. Os mesmos somente poderiam ser escaneados e foram enviados para mim no mês de abril via correio eletrônico. Alguns documentos são de impossível leitura devido falhas no processo de escaneamento.

Dois grandes capítulos irão nortear o trabalho. O capítulo I intitulado *Futebol e Política no Uruguai: primeiras décadas do século XX*, será dividido em três itens. No primeiro item, intitulado “O ópio do povo?”, busco analisar de maneira breve como o futebol, seguramente o esporte mais popular do planeta e um importante elemento cultural e identitário de boa parte das nações, é tratado pela historiografia e pelas ciências humanas de modo geral. A tese do “ópio do povo”, conceito defendido principalmente durante as décadas de 1960 e 1970 onde o futebol não passava de uma maneira das elites cegarem a população frente aos problemas sociais e políticos, será trabalhada e questionada. Infelizmente a temática do futebol foi muitas vezes marginalizada pela academia e não dada a devida importância para a sua pesquisa. Este cenário vem mudando nas últimas duas décadas com uma crescente na produção acadêmica.

No segundo item “Uruguai: economia exportadora, batllismo e ‘Suíça das Américas’”, procuro fazer uma contextualização da política uruguaia nas primeiras décadas do século XX. Acredito que para tratarmos de qualquer temática na área de História é necessário antes buscar compreender os contextos (políticos, econômicos, sociais, etc.). Com isso, busco analisar o processo histórico que levou o Uruguai a ser o primeiro país latino-americano a aprovar uma série de direitos trabalhistas (como jornada de oito horas semanais, salário mínimo e reconhecimento sindical) e sociais

(divórcio, educação laica, sufrágio universal) levados a cabo durante os governos batllistas nas primeiras décadas do século XX, constituindo, como aponta o historiador e Cientista Político Gerardo Caetano, a “excepcionalidade uruguaia”<sup>3</sup>. A proposta batllista entendia o Uruguai como um país excepcional na América Latina onde mesmo em épocas de ditaduras no continente, continuava respeitando a legalidade democrática, apostando no reformismo social. Essa convicção do Uruguai ser um “país de exceção” e “superior” a seus vizinhos de continente, a “Suíça das Américas” possuía raiz profunda na sociedade uruguaia e busco problematizá-la e contextualizá-la nesse texto. Outro aspecto desta parte do trabalho é a análise do governo de Luis Batlle Berres, caracterizado pela política de bem-estar social e por tentativas de desenvolvimento de uma indústria nacional.

No último item da primeira parte, “O futebol no Uruguai das primeiras décadas do século XX”, analisarei a chegada e o desenvolvimento do futebol no Uruguai, bem como a sua importância para a construção da identidade nacional e seus usos políticos, a institucionalização com a criação da *Asociación Uruguaya de Fútbol* (AUF) e o profissionalismo no ano de 1932. Esses apontamentos eu julgo fundamentais para o capítulo II onde a greve é tratada.

No capítulo II intitulado “A Greve dos Jogadores Profissionais de Futebol” entrarei de fato na problemática proposta, analisando a criação e o funcionamento da MUTUAL bem como suas reivindicações. A bibliografia sobre esse sindicato é muito escassa, o que foi uma grande dificuldade. Por fim analiso as páginas esportivas do jornal *El País*, sempre levando em conta seu posicionamento político para tratar da greve dos jogadores profissionais, as negociações entre dirigentes e atletas e as estratégias de negociação de ambas as classes. O conceito de “classe”<sup>4</sup> que vou trabalhar provém do historiador britânico E.P. Thompson, que enxerga a classe como resultado de experiências comuns, articulando identidade e interesses partilhados. Trabalho também com o conceito de “sujeito coletivo”<sup>5</sup> cunhado pelo sociólogo Eder Sader.

---

<sup>3</sup>CAETANO, Gerardo. *Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo*. Cuadernos del CLAEH. Montevideú, 1989.

<sup>4</sup>THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. São Paulo. Paz & Terra, 2011.

<sup>5</sup>SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 55.

Nas conclusões finais, busco apresentar uma síntese das minhas impressões ao realizar o trabalho bem como onde penso que o mesmo pode contribuir para o tema.

Ao longo de todo o trabalho, as fontes e bibliografias citadas em língua espanhola eu optei por mantê-las em sua forma original, sem tradução, pois acredito que não possuo conhecimento suficiente para tal.

## 1. Futebol e Política no Uruguai: primeiras décadas do século XX

### 1.1 O ópio do povo?

“Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.”<sup>6</sup>. A frase do escritor uruguaio Eduardo Galeano sintetiza bem a relação entre o esporte mais popular do planeta e as ciências humanas.

Apesar de esse esporte constituir-se como um notável elemento cultural e social na grande maioria dos países ocidentais, bem como ser um importante componente da cultura popular dos países sul-americanos, a historiografia durante muitos anos negligenciou o futebol como temática relevante à pesquisa. Tal como sinaliza Galeano, a desconfiança - com um certo tom de arrogância - despertada em muitos intelectuais, geraram a tese de que o futebol seria o “ópio do povo”<sup>7</sup>. Muito influenciada por um marxismo ortodoxo, a historiografia latino-americana, principalmente durante as décadas de 1960 e 1970, onde diversas ditaduras assolaram os países da região<sup>8</sup>, acreditava que o futebol não passava de uma maneira de cegar a população frente aos crimes cometidos aos direitos humanos e os graves problemas sociais<sup>9</sup>. Gostar de futebol, no meio acadêmico, era coisa de alienado.

A Copa do Mundo de 1970 que fora disputada no México, onde o selecionado brasileiro encantou o mundo com craques como Rivelino, Jairzinho, Tostão, Gerson e Pelé, foi sempre alvo de grandes críticas dos grupos de esquerda e de grande parte dos intelectuais brasileiros do período. O governo de Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974) apostou todas as fichas no evento esportivo para aumentar sua popularidade e abafar as graves violações dos direitos humanos e a forte repressão do estado. A canção “Pra Frente Brasil”, de autoria de Miguel Gustavo, com uma letra que exaltava o nacionalismo e conclamava a união de todos brasileiros em torno do objetivo de conquistar o tricampeonato, ficou marcada como uma das principais propagandas política do governo Médici<sup>10</sup>. De uma maneira bastante problemática, o jornalista

---

<sup>6</sup>GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: 2010. p. 40.

<sup>7</sup>Esse conceito decorre do filósofo alemão Karl Marx (1818 – 1883). Em seu texto “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, escrito no ano de 1843, Marx define a religião como o “ópio do povo”. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 145.

<sup>8</sup>Ditaduras Civil-Militar: Brasil (1964 – 1985) e no Uruguai (1973 – 1985).

<sup>9</sup>LOPES, Felipe. *Futebol e Poder: reflexões sobre a tese do “ópio do povo”*. Revista Espaço Ética. São Paulo, ano I, nº 2 Maio de 2014. p. 139.

<sup>10</sup>SCHATZ, Patrícia Volk. *A Estatização do Futebol: da Copa do Mundo de 1970 a mini-copa de 1972*. Trabalho de Conclusão de Curso em História UDESC, 2012. p. 11.

Roberto Ramos condena o futebol a ser um mecanismo de dominação das elites, reforçando a tese do “ópio do povo”. Ao comentar o mundial de 1970, Ramos afirma: “o futebol foi cúmplice de prisões lotadas de presos políticos. Torturas e assassinatos conviveram com a Copa de 70”.<sup>11</sup>

O uso político do futebol por governos ditatoriais (ou não) não é exclusividade brasileira. No contexto latino-americano, as ditaduras utilizaram da popularidade do futebol para alavancar e legitimar seus regimes. Certamente um dos casos mais famosos é o argentino. Em 1976 uma Junta Militar constituída pelas autoridades máximas das forças armadas, Jorge Videla (Exército), Emílio Massera (Marinha) e Orlando Agosti (Aeronáutica), destituiu o governo de Isabel Perón (1974 – 1976) e deu início à última ditadura do país. Desde o primeiro dia do regime os militares já percebiam a força política que o futebol pode mobilizar, como aponta o jornalista Ezequiel Moore no documentário “Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor”:

Em 24 de março de 1976, tivemos o mais sangrento e cruel golpe de Estado da Argentina e se você revisar os comunicados da Junta Militar desse dia, dizia:

“Comunicado número um: proíbe-se a reunião nas ruas; comunicado número dois: proíbe-se fazer greves; comunicado número três: proíbe-se legislar” Proíbe-se, proíbe-se, proíbe-se! E no comunicado número vinte e três dizia-se “autoriza-se”. E o que se autorizava? Autorizava-se a transmissão da partida de futebol da seleção argentina, jogava nesse dia na Polônia, contra Polônia. A partir desse momento ficou claro que a ditadura sabia do que se tratava o futebol<sup>12</sup>.

A realização do Mundial de Futebol de 1978 na Argentina e sua conquista, foi certamente o ponto mais alto do regime, que conseguiu passar uma imagem vitoriosa do país e sedimentar um sentimento nacionalista muito forte. Enquanto uma multidão lotava as arquibancadas do Estádio Monumental de Nuñez para vibrar com os gols de Mario Kempes e Daniel Bertoni na vitória sobre seleção holandesa, a 1 km de distância estavam sendo torturados centenas de presos políticos na ESMA (*Escuela Mecánica de la Armada*) considerado o principal centro clandestino de detenção da Argentina onde estima-se que cinco mil pessoas foram torturadas.<sup>13</sup> No documentário *Mundial '78: la Historia paralela*, Estela de Carlotto, ativista e presidenta da organização civil “Abuelas

---

<sup>11</sup>RAMOS, Roberto *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984. p 110 apud LOPES, Felipe. *Futebol e Poder: reflexões sobre a tese do “ópio do povo”*. Revista Espaço Ética. São Paulo, ano I, nº 2 Maio de 2014.

<sup>12</sup>Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor (Argentina). Direção: Lúcio de Castro. Produção: Lúcio de Castro. Rio de Janeiro, Doc, 50 min, 2012.

<sup>13</sup>FELD, Claudia. *ESMA, hora cero: las noticias sobre la Escuela Mecánica de la Armada en la prensa de la transición*. La Plata: Sociohistórica: Cuadernos del CISH, 2008. p. 81.

de *Plaza de Mayo*” declarou: “Enquanto se gritam os gols, se apagam os gritos dos torturados e dos assassinos”<sup>14</sup>. A afirmação de Estela nos mostra como a tese do “ópio do povo” estava fortemente presente na esquerda latino-americana nos anos das ditaduras.

Somente ao final da década de 1970 e início da década de 1980, em meio ao período de redemocratização, a academia brasileira se aproximou do futebol como um objeto de pesquisa relevante<sup>15</sup>. Certamente isso não significa que não haja inúmeros trabalhos anteriores e de grande importância para historiografia do futebol<sup>16</sup>, mas sim que foi a partir dessa época que a academia brasileira começou a questionar a tese do “ópio do povo”.

Também no período da redemocratização, aconteceu um dos mais emblemáticos casos de como o futebol pode ser um grande elemento de contestação. No ano de 1982, em pleno governo do militar João Figueiredo, um dos times mais populares do Brasil, o Sport Club Corinthians Paulista, adotou um sistema democrático de autogestão onde as decisões do clube (desde a parte administrativa até esquemas táticos) eram tomadas de forma coletiva e democrática, como aponta um dos jogadores líderes do movimento, Sócrates:

E o voto era igual! Eu era o único jogador de seleção do Corinthians e meu voto tinha o mesmo peso do voto do terceiro goleiro, do funcionário que limpava a minha chuteira e tinha o mesmo peso do diretor do clube. Era um pra um!<sup>17</sup>

O clube de futebol mais popular da maior cidade do país adotava um sistema democrático e de participação enquanto o Brasil estava sob um governo ditatorial e sem eleições diretas para presidente há 22 anos. Nesse cenário, a Democracia Corinthiana pode ser pensada como um dos “Movimentos Políticos daquele contexto histórico que, ao lado dos movimentos populares, das Comunidades Eclesiais de Base e do novo

---

<sup>14</sup>Mundial '78: la história paralela. Direção: Gonzalo Bonadeo, Diego Guebel e Mario Pergolini. Produção: Gonzalo Bonadeo e Mario Pergolini. Buenos Aires, Doc, 60 min, 2003.

<sup>15</sup>SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. *A construção de histórias do futebol brasileiro (1922 – 2000): reflexões*. Revista Tempo. Niterói. Vol 19 n° 34. p. 27.

<sup>16</sup>Entre os inúmeros exemplos, cito o clássico livro de Mário Filho (jornalista que leva o nome oficial do estádio do Maracanã) “O negro no futebol brasileiro”, onde muito influenciado pela obra de Gilberto Freyre, o jornalista conferiu aos negros o papel de criar uma forma peculiar (brasileira) de se jogar futebol. FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

<sup>17</sup>Ser Campeão é detalhe – Democracia Corinthiana. Direção: Gustavo Forti Leitão e Caetano Biasi. Produção: DNA Filmes. São Paulo, Doc, 25 min, 2011.

sindicalismo combativo do ABC, lutava pela abertura democrática no país<sup>18</sup>”.

O futebol é um esporte que move verdadeiras multidões ao estádio, tem um enorme destaque na imprensa além de ser o gerador de milhares de empregos. Os salários cada vez mais milionários, que pagos atualmente por grandes equipes do futebol mundial, criam mitos e muitas vezes camuflam uma realidade cruel para os profissionais do esporte mais popular do planeta. Dados do “Bom Senso FC” (entidade brasileira que liderada por jogadores e ex-jogadores busca reformular o futebol local) apontam que dos mais de 20 mil jogadores profissionais existentes no país, 82% recebem menos do que dois salários-mínimos (400 dólares) e ficam desempregados durante 6 meses<sup>19</sup>. Isso mostra o contexto extremamente difícil vivido pela grande maioria dos jogadores brasileiros e certamente esses dados podem ser estendidos para os países vizinhos e altamente *futboleros*, como o Uruguai e Argentina.

Ao estudar o movimento grevista dos jogadores profissionais de futebol que eclodiu no Uruguai no ano de 1948, busco mostrar que reivindicações por melhores condições salariais e de trabalho são lutas antigas e presentes na trajetória de toda a classe trabalhadora. A precária situação dos profissionais do futebol não é uma novidade e os esforços por conquistas trabalhistas também não. Dar luz aos trabalhadores que no ano de 1948 desafiaram o poder econômico, as dificuldades em que eram impostas e se enxergaram como classe é o objetivo de suma importância neste trabalho. Mas para entender o impacto de uma greve no meio futebolístico necessitamos analisar a importância do esporte para a sociedade uruguaia.

---

<sup>18</sup>FLORENZANO, J. P. *A democracia Corinthiana: práticas de libertação no futebol brasileiro*. Tese de Doutorado, PUC, 2003. p. 13 apud MARTINS, Mariana Zuaneti. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2012. p. 36

<sup>19</sup>Disponível em: <http://www.bomsensofc.org/> (acesso 12 jun.2015)

## 1.2 Uruguai: economia exportadora, batllerismo e “Suíça das Américas”

Ao final do século XIX e início do século XX, o Uruguai ocupava um lugar claro no sistema capitalista cada vez mais mundializado, onde seu papel era semelhante ao dos seus vizinhos de continente. Destinado a atender, principalmente, os mercados europeu e estadunidense, o jovem país latino-americano adotava um modelo agroexportador de economia onde os produtos provenientes da pecuária (lãs, couros e carne) constituíam-se como principais e quase exclusivos itens de exportação<sup>20</sup>.

Estando em grande parte dependente das importações de produtos manufaturados para atender suas demandas internas e da injeção de capital estrangeiro – proveniente das grandes potências capitalistas, com destaque para a Grã Bretanha – para a construção de obras públicas (ferrovias, telégrafos, portos, entre outros), tal política gerou um crescimento econômico elevado, porém, totalmente dependente financeiramente das decisões dos centros capitalistas e muito mais suscetível a crises, como aponta o historiador argentino Tulio Halperín Donghi em sua grandiosa obra intitulada *Historia Contemporánea de América Latina*.

El crecimiento era aún más rápido que antes, pero estará acompañado de crisis de intensidad creciente: desde las primeras etapas de su afirmación, el orden neocolonial parece revelar a través de ellas los límites de sus logros; si no puede decirse que nace viejo - por el contrario, el vigor de su avance no tiene par en pasado latinoamericano -, nace por lo menos con los signos ya visibles de un agotamiento que llegará muy pronto<sup>21</sup>.

Sem dúvidas as exportações em um mercado acelerado geraram um crescimento econômico nunca antes vivido no país oriental. Porém, ainda nos anos finais do século XIX, a balança comercial deu os primeiros sinais de déficit (quando o valor das importações é maior que o valor das exportações). Entre os anos de 1887 e 1890 o déficit apresentado alcançou o valor de 21 milhões de pesos<sup>22</sup>. Diante desse cenário de agravamento da situação da balança comercial, setores da burguesia urbana montevideana, formado principalmente por jovens com formação superior, começaram

---

<sup>20</sup>FREGA, Ana. *La formulación de un modelo 1890-1918*. In: FREGA, Ana; RODRIGUEZ AYCAGUER, Ana María; RUIZ, ESTHER; PORRINI, Rodolfo; ISLAS, Ariadna; BONFANTI, Daniele; BROQUETAS, Magdalena; CUADROS, Inés. *Historia del Uruguay en el siglo XX: 1890-2005*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011. p. 17.

<sup>21</sup>DONGHI, Tulio Halperín. *Historia Contemporánea de América Latina*. Madrid. Alianza Editorial, 2005. p.280

<sup>22</sup>FREGA, Op. Cit.; p. 18.

a formular propostas que criticavam a política exclusivamente exportadora do Uruguai<sup>23</sup>.

As reflexões acerca da condição dependente do país e sua precária estrutura econômica criaram uma consciência no mundo político e intelectual do final do século XIX e início do XX, sobre a necessidade de um estado mais protagonista<sup>24</sup>. Durante a última década do século XIX, o estado uruguaio assumiu um conjunto de atividades econômicas com o objetivo de “modernizar” o país e diversificar sua economia. A construção e gerência do porto de Montevideu e da companhia elétrica da capital uruguaia, bem como a criação no ano de 1896 do *Banco de la Republica Oriental del Uruguay* entre outras medidas foram concretizadas no período.

Com esse discurso modernizador, ascende à presidência do Uruguai no ano de 1903 o jornalista filiado ao tradicional Partido Colorado<sup>25</sup> José Batlle y Ordóñez, inaugurando o início do predomínio de uma cultura política<sup>26</sup> denominada *batllismo*, corrente política do Partido Colorado que se tornou-a mais dominante ideologia política do Uruguai durante a primeira metade do século XX, tendo como principais ideais um estado intervencionista na economia e a criação de leis sociais e trabalhistas.

No interior do Partido Colorado de 1903 a 1910, moldado por uma imprecisa ideologia liberal, podia-se perceber a presença de três correntes ideológicas: i) a sustentada pela maioria dos dirigentes partidários no Senado e na Câmara de Representantes, tradicionalista

---

<sup>23</sup>Idem; p. 20.

<sup>24</sup>YAFFÉ, Jaime. *El intervencionismo batllista: estatismo y regulación em Uruguay (1900 – 1930)*. Montevideo. Facultad de Ciencias Economicas y Administración Udelar. p. 6

<sup>25</sup>“Os dois partidos “tradicionais”, “históricos” ou “fundacionais”, o Partido Nacional e o Partido Colorado, são anteriores à própria democracia e nasceram logo no início da existência do Uruguai como país independente. Se a Declaração de Independência ocorreu em 1825 e a primeira Constituição data de 1830, os dois partidos surgiram pouco depois, em 1836.” In: REIS. Guilherme Simões. *A disputa político-partidária no Uruguai: oponentes externos, adversários internos*. Rio de Janeiro. Observatório Político Sul-Americano v. 6, n. 03. 2011. p. 4

<sup>26</sup> Um conceito de difícil definição e de polissêmicos significados. Nesse trabalho uso o conceito conforme Serge Berstein: “um sistema de referências em que se reconhecem todos os membros de uma mesma família política, lembranças históricas comuns, heróis consagrados, documentos fundamentais (que nem sempre foram lidos), símbolos, bandeiras, festas, vocabulário de palavras codificadas etc. (...) Assim a cultura política aparece, em suas diversas manifestações, como a linguagem comum simplificada (da qual o rito é a forma mais sumária) dos membros de uma formação, que desse modo fazem profissão de ideologia sem precisar necessariamente exprimi-la explicitamente, mas com a certeza de serem facilmente compreendidos por todos os membros do grupo.” BERSTEIN, Serge. *Os partidos* In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 88-89 apud DUWE, Ricardo. *O partido da ARENA na impensa catarinenses: cultura política e poder no Jornal de Santa Catarina (1974 - 1979)*. Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Curso em História (UFSC), 2013. p. 12.

em relação à organização econômico-social do país e atenta a demanda das classes conservadoras; ii) a moderada, representada pelo presidente Cláudio Williman e sua equipe de Ministros, admitiu a necessidade de algumas reformas econômico-sociais para “manter” o sistema, ou seja, reformas para garantir a continuidade da ordem vigente e; iii) a radical, liderada por Batlle desde o Poder Executivo, buscou a substituição do “modelo” por outro de conteúdos éticos e humanitários<sup>27</sup>.

Durante os anos de 1903 e 1912 temos o período do *primero batllismo* onde, como aponta Camou:

Crecen los salarios reales en un contexto de crecimiento del producto, como consecuencia de una mejora de los precios de las exportaciones y la expansión interna de la industria y los servicios. Se trata de un período en que el Estado instrumenta mejoras en las condiciones de trabajo a través de la legislación laboral<sup>28</sup>.

O primeiro governo de Batlle y Ordóñez impulsionou – com a clara intenção de tornar o estado um agente ativo de primeira ordem - amplamente a industrialização e a nacionalização/estatização de empresas e recursos. Buscando romper com a dependência dos *ganaderos* (grandes proprietários de gado), o governo buscou a diversificação da economia, criando em 1907 o *Ministerio de Industrias, Trabajo e Instrucción Pública* comandado pelo então jovem advogado e militante batllista do Partido Colorado, Gabriel Terra, na época com 36 anos. A criação do ministério foi fundamental para o desenvolvimento da indústria local, destinada a atender as demandas do mercado interno e diminuir a dependência de produtos manufaturados. Os principais produtos produzidos pela jovem campanha industrial nacional eram alimentos, bebidas, móveis, tecidos e produtos do couro<sup>29</sup>. Os pensamentos de Batlle y Ordóñez a respeito da necessidade de industrialização do país podem ser encontrados nas páginas do jornal *El Día*, periódico fundado em 1886 pelo próprio *Dom Pepe* (como era chamado pelos colegas de partido) e que foi o principal veículo de difusão das ideias reformistas do batllismo.

---

<sup>27</sup>CABRAL, José Pedro Cabrera. O pensamento de José Batlle y Ordóñez no Uruguai do Novecentos: componentes de sua ideologia. In: PAULA, Dilma Andrade de (org); MENDOÇA, Sonia Regina (org). Sociedade Civil: ensaios históricos Jundiaí. Paco Editorial p. 6.

<sup>28</sup>CAMOU, María Magdalena. Salarios, *desigualdad* y *capital humano en Uruguay (1900 - 1960)*. Montevideo. IX Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales, UdelaR, 2010. p. 8

<sup>29</sup>LEONOR, Fermín Peralta. El MIEM: sus primeros 100 años y su rol en el siglo XXI. Montevideo. 2007. p. 110. Disponível em: <http://www.miem.gub.uy/documents/10180/0/Centenario%20del%20Ministerio%20de%20Industria.%20Energ%C3%ADa%20y%20Miner%C3%ADa?version=1.0&t=1350500263000> Acesso: 15 set 2015.

El presidente de la República [escrevia Batlle y Ordóñez] es enemigo declarado de que se mande hacer fuera del país lo que se puede hacer en el mismo. Desde hace muchos años viene teorizando sobre el asunto, y su ideal en el gobierno será que se importe el menor número de artefactos posibles, para bien del desarrollo de nuestras industrias y con el laudable fin de que el dinero que por aquellos conceptos va diariamente al extranjero, quede en el país en la mayor cantidad posible, favoreciendo principalmente a las clases obreras<sup>30</sup>.

No plano social, o Uruguai viveu no período batllista um avanço em relação aos direitos trabalhistas. As primeiras *Leyes Laborales* foram criadas na primeira década do século XX, sendo o Uruguai primeiro país da região a garantir direitos que até hoje são conferidos aos trabalhadores como, por exemplo, a *ley de las ocho horas* (1915)<sup>31</sup>. Além da lei que estabelece oito horas como jornada de trabalho, outras leis de proteção e melhores condições de trabalho bem como leis sociais foram criadas no período: *Ley de Silla* (1918) que garantia e estabelecia um número mínimo de cadeiras para mulheres que trabalhavam no comércio “*puedan tomar asiento siempre que sus tareas lo permitan*”<sup>32</sup>, bem como um amplo debate de reformas que culminaram na elaboração da nova constituição no ano de 1918, substituindo a constituição de 1830 (ano da independência política do Uruguai). Antes mesmo da aprovação da nova constituição, diversas reformas já haviam sido aprovadas, entre elas a lei que garante o direito ao divórcio(1907) por mútuo consentimento e por “*sola voluntad de la mujer*” (1913), além da proibição do ensino religioso nas instituições de ensino (1909)<sup>33</sup>. A constituição de 1918 consolidou essa onda reformista e aprovou propostas importantes para a modernização do país. A laicidade do estado: “*Todos los cultos religiosos son libres en el Uruguay. El Estado no sostiene religión alguna.*”; o voto secreto, a proibição dos

---

<sup>30</sup>BATLLE Y ORDÓÑEZ, José. “Por nuestras industrias”. Artigo publicado no diário “El Día”, 10 de junho de 1903. p. 7. Biblioteca Nacional del Uruguay, “El Día” 1900 – 1905.

<sup>31</sup>Em comparação com as duas potências vizinhas e regionais do Uruguai (Brasil e Argentina): a lei que garante jornada de trabalho de oito horas no Brasil foi decretada no ano de 1937. Já na Argentina, a lei foi assinada no ano de 1929.

<sup>32</sup>URUGUAI. Lei nº 6102 de 10 de Julho de 1918. Artigo 1º.

<sup>33</sup>CABELLA, Wanda. La evolución del divorcio en Uruguay (1950 - 1995). Montevideo. Programa de Población de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de la Republica. 2004 p. 4

militares formarem parte de grupos políticos e o sufrágio universal obrigatório para homens acima dos 18 anos<sup>34</sup>.

Porém, a principal característica da nova constituição vigente foi a criação do *Consejo Nacional de Administración*, que compartilhava, juntamente com a presidência, o poder executivo<sup>35</sup>. As disputas pelo poder entre os dois partidos tradicionais, o Partido Colorado e o Partido Nacional (blancos) eram fundamentalmente violentas. Durante a segunda metade do século XIX os conflitos armados eram recorrentes<sup>36</sup>. A criação do Conselho Nacional foi fruto de um acordo de conciliação entre Colorados e Blancos para o fim dos conflitos. Articulado principalmente pelo então ministro das Relações Exteriores do Uruguai e militante batllista, Baltasar Brum – que em 1919 tornar-se-ia presidente - o Conselho permitia que os Blancos, que estavam fora da presidência, pudessem participar das decisões do governo. “*El Consejo Nacional de Administración se compondrá de nuevemembros, elegidos directamente por el pueblo*<sup>37</sup>” dizia o texto constitucional, o que em um país polarizado politicamente em dois partidos majoritários praticamente garantiria a participação de ambos na administração pública.

Em 1929 ocorreu um gigantesco e profundo colapso financeiro que impactou as economias de todo o mundo. Apesar de anos antes o Uruguai ter acelerado a industrialização, sua economia ainda dependia, em grande medida das exportações. Economias pouco diversificadas, que ofereciam poucos produtos primários para o comércio internacional, caíram prostradas perante a depressão econômica<sup>38</sup>. Ao tratar do tema, o historiador uruguaio Raúl Jacob aponta:

El cierre del año dejó nuevamente la situación económica del Uruguay en un estado insatisfactorio. Los gastos de 1929-30 excedieron los ingresos en 1 millón y medio de pesos, déficit que bien puede aumentarse a 5 millones para el periodo de

---

<sup>34</sup>URUGUAY. Constitución (1918). Constitución de la Republica Oriental del Uruguay. Montevideo. Parlamento del Uruguay. Capítulo V e II. Disponível em: <<http://www.parlamento.gub.uy/constituciones/const918.htm>> Acesso em 16 set 2015.

<sup>35</sup>Idem, Capítulo I.

<sup>36</sup>REIS. Guilherme Simões. *A disputa político-partidária no Uruguai*: oponentes externos, adversários internos. Rio de Janeiro. Observatório Político Sul-Americano v. 6, n. 03. 2011. p. 4.

<sup>37</sup>URUGUAY. Constitución (1918). Constitución de la Republica Oriental del Uruguay. Montevideo. Parlamento del Uruguay. Capítulo I.

<sup>38</sup>HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*: o breve século XX. São Paulo. Companhia das Letras, 1995. p. 96

1930-31. [...] la acentuada depreciación del peso uruguayo está causando seria aprehensión. Por otro lado, el año bajo estudio, cerró con una balanza comercial favorable, indicando un rebaja del 7,3% en las importaciones y un aumento del 15,5 % en las exportaciones. Sin embargo, en su contra debe considerarse la declinación de los precios de los productos nacionales, que de acuerdo con una autoridad están empobreciendo al país a razón de decenas de millones de pesos por año<sup>39</sup>.

No contexto de grave crise mundial, os valores e as instituições liberais como o os “compromissos com um governo constitucional com ou sob governos e assembleias representativas livremente eleitos, que garantissem o domínio da lei”<sup>40</sup> bem como uma série de direitos e liberdades do cidadão como a liberdade de expressão e de imprensa, foram questionados e atacados. Governos autoritários se estabeleceram (através de golpes e/ou eleições) por todo o mundo com um discurso combativo perante a crise.

Na América do Sul, o ano de 1930 é emblemático. As duas grandes nações do continente tiveram Golpes de Estado tidos como “revolucionários”. Na Argentina, em setembro, o Tenente General José Félix Uriburu derrubou o governo reformista de Hipólito Yrigoyen da Unión Cívica Radical. Um mês depois, em outubro, o advogado gaúcho Getúlio Vargas derruba o governo de Washington Luís. O Uruguai se encontrava em meio aos festejos de seu centenário e comemorava a conquista e realização do I Campeonato Mundial de Futebol organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Porém, nem as comemorações, nem mesmo a euforia decorrente dos gols de Pablo Dorado, Pedro Cea, Santos Iriarte e Héctor Castro, na vitória final com o placar de quatro a dois contra os vizinhos argentinos puderam esconder os efeitos da crise econômica, apesar de não se apresentarem tão devastadores como no caso dos dois grandes vizinhos<sup>41</sup>.

Em novembro de 1930, o antigo ministro de Batlle y Ordóñez, Gabriel Terra ganha as eleições presidenciais, assumindo o cargo em março de 1931. Sua vitória manteve a hegemonia do Partido Colorado, porém o Partido Blanco continuava tendo

---

<sup>39</sup>JACOB, Raúl. *Uruguay 1929-1938: depresión ganadera y desarrollo fabril*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1981; p.9. apud GOMES, Rafael Nascimento. *A inserção internacional do Uruguai de Gabriel Terra (1931 - 1938)*. Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. 2013. p. 14

<sup>40</sup>HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995. p. 113.

<sup>41</sup>GOMES, Rafael Nascimento. *A inserção internacional do Uruguai de Gabriel Terra (1931 - 1938)*. Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. 2013. p. 15.

representantes no Conselho Nacional de Administração. Entretanto, no ano de 1933 mediante um golpe de Estado, Terra destituiu o Conselho e instaurou um governo ditatorial e conservador até o ano de 1938, desvinculando-se das ideias de sua militância batllista. Em sua base de apoio estava os *herreristas* e os *riveristas*<sup>42</sup>, colorados conservadores e grande apoio social do *Comité de Vigilancia Económica* - entidade patronal criada em 1929 com o objetivo de enfrentar "*la política socializante del Poder Ejecutivo*". A *Federación Rural* (com grande predomínio do setor agroexportador) e a *Unión Industrial del Uruguay* eram seus principais colaboradores<sup>43</sup> - possibilitando um governo que atendia a agenda de setores conservadores da burguesia e freando a onda reformista das décadas anteriores. Perseguições e prisões políticas (sofreram principalmente as lideranças anarquistas, comunistas e batllistas) bem como censura à imprensa foram as marcas do período. Com a morte de Batlle y Ordóñez em 1929 e as perseguições políticas da ditadura terrista, o battlismo sofreu um duro golpe. Sobrinho de *Dom Pepe*, o jovem jornalista do diário *El Día* e um dos principais opositores de Terra, Luis Batlle Berres teve que se exilar – primeiramente no Brasil e depois para a Argentina -, bem como as demais lideranças batllistas<sup>44</sup>.

Em 1938 ocorreram as eleições gerais, onde triunfou o candidato colorado, com o apoio de Terra, Alfredo Baldomir. O colorado era o ministro da defesa, e havia colaborado para reação conservadora pós golpe de Estado. Após ter sido eleito, de imediato apoiou-se com setores que haviam sido opositores ao golpe e que defendiam a restauração do pleno funcionamento democrático.

De inmediato se conformó un conglomerado de sectores que habían sido opositores al golpe, que reclamaba una reforma a esa 9 Constitución de 1934. Frente a la negativa de las fuerzas políticas de llevar a cabo la demandada reforma constitucional, Baldomir llevó a cabo un golpe de Estado en 1942, conocido popularmente como “el golpe bueno”<sup>45</sup>.

O “*golpe bueno*” de Baldomir, como ficou conhecido pela historiografia, significou a restauração da democracia e, a nova constituição e o fim do período terrista,

---

<sup>42</sup>“Herrerismo e riverismo foram correntes políticas opositoras no Uruguai. O herrerismo foi um movimento do Partido Blanco (Nacional) liderado por Luiz Alberto de Herrera. Já o riverismo foi um dentre vários grupos que compunham o Partido Colorado”. GOMES Op. Cit. p. 18.

<sup>43</sup>UMPIERREZ, Claudia Solís. La crisis del '29 y el golpe de Terra. Disponível em: <<http://creartehistoria.blogspot.com.br/2009/11/la-crisis-del-29-y-el-gople-de-terra.html>> Acesso em 16 set 2015.

<sup>44</sup>SANGUINETTI, Julio María. *Luis Batlle Berres: el Uruguay del optimismo*. Montevideo. Taurus, 2014. p. 21 – 23.

<sup>45</sup>NERCESIAN, Inés. *Dossier Uruguay*. Buenos Aires. ObservatorioLatinoamericano 11, 2013. p. 9

representava para os líderes batllista, a possibilidade de voltarem ao poder. Nas eleições de novembro de 1942, o Partido Colorado ganhou com Juan José Amézaga, apoiado pelo setor batllista do Partido. Amézaga, era integrante do Conselho de Estado surgido após o "*golpe bueno*" e foi um dos articuladores da nova constituição. As eleições representaram uma grande vitória para o setor batllista para as cadeiras do legislativo, com a eleição de um grande número de deputados e senadores.

Nas eleições do ano de 1946 externaram pela primeira vez uma disputa interna do setor batllista do Partido Colorado entre a chamada *Lista 14* nucleada no jornal *El Día* e a *Lista 15* encabeçada por Luis Batlle Berres e o veterano Tomás Berreta.

La 14 era la ortodoxia histórica, el colegialismo, la invocación casi religiosa a don Pepe, el cultivo de la austeridad que emanaba de la fuerte personalidad de César Batlle Pacheco. La 15 se mostraba más juvenil y reformista.<sup>46</sup>

Nas prévias do partido, a lista 15 saiu vitoriosa lançando a chapa Berreta (presidente) Batlle Berres (vice) que posteriormente ganharia a eleição. Um ano após eleito, Tomás Berreta morre vitimado de um câncer e Luis Batlle Berres assume a presidência, inaugurando um período conhecido como neobatllismo, que resgatava muito da tradição política dos governos batllistas. Já em seu discurso de posse, Batlle Berres deixa claro o caráter conciliador, dos conflitos sociais, do seu governo.

[...] no es posible desatender el hecho de que la humanidad está viviendo una violenta revolución social y política que convulsiona a todos los pueblos. Nadie puede pretender que nos pongamos al margen de ese movimiento para abominarlo y apedrearlo; sino que, lo que la hora exige, es entrar y formar parte de esa inmensa columna para orientar el movimiento, para dirigir las fuerzas aunque para ello sea necesario acelerar la evolución. Nosotros los que fuimos formados en los últimos aleteos de la filosofía liberal del siglo pasado y dimos los primeros pasos hacia la socialización de ciertas actividades del organismo social, comprendemos que tenemos que continuar ese ritmo para encauzarlo por las vías normales. Apresurarse a ser justos, es asegurar la tranquilidad; es brindarle al ciudadano los elementos principales y básicos para que tenga la felicidad de vivir y hasta él lleguen los beneficios del progreso y de la riqueza. Apresurarse a ser justos, es luchar por el orden y es asegurar el orden.<sup>47</sup>

No pós-guerra, o Uruguai vivia um período de prosperidade econômica e de diminuição significativa da desigualdade. Frases como "*Un país feliz*", "*el Uruguay del*

---

<sup>46</sup> SANGUINETTI, Julio Maria. Op.Cit. p.44

<sup>47</sup> Idem. p. 50

*optimismo*” e “*Suíza de las Américas*” eram constantemente usadas para exemplificar esse período de crescimento. Alicerçado em uma política de bem-estar social, o governo de Batlle Berres tinha como um dos principais objetivos a retomada do processo de industrialização do país.

Nos discursos de Batlle Berres, presentes principalmente no periódico *Acción*, jornal fundado pelo próprio Batlle Berres no ano de 1948, fica evidente o desejo de industrialização do país, que para o governo neobatllista representa a principal atividade criadora de riqueza e que poderia proporcionar a política de bem-estar social.

Esta actividad de trabajo y estos salarios han creado un mejor standard de vida y han facilitado una evolución económica y social que se hace de absoluta necesidad mantener y defender y el gobierno ha de organizar todos los esfuerzos que están a su alcance para afirmar esa riqueza [...] Vamos a garantizarlos a los pequeños industriales como igualmente a los grandes industriales, el capital necesario para el desenvolvimiento de sus industrias. vamos a crear el Banco Industrial del Estado con cincuenta o sesenta millones de pesos para que sea el Estado el que auxilie y fomente las industrias nacionales, para defender a los industriales, chicos o grandes, del capital extranjero [...] yo me he defendido siempre de todas las infiltraciones del capital extranjero.<sup>48</sup>

A primeira fase do governo de Batlle Berres, momento em que ocorre a greve dos jogadores, é caracterizada pelo sucesso de sua política econômica e social. O Uruguai é tido como a “Suíça das Américas”, pela sua excepcionalidade perante aos seus vizinhos de continente. Um país que tinha uma estabilidade e taxas de desigualdade visivelmente menores. Esse ambiente certamente influenciaram os atletas, que, como veremos, repetidamente afirmavam que eram trabalhadores que não gozavam dos mesmos direitos trabalhistas e sociais que eram garantidos as outras categorias.

---

<sup>48</sup> Discurso en el Congreso de Parlamentarios Americanos en Chile 14/4/1944 In: D'ELÍA, German. *El Uruguay neo-batllista, 1946 - 1958*. Montevideu. EBO, 1982. p. 48

## 1.4 – O futebol no Uruguai das primeiras décadas do século XX

*Descolgando el cielo  
Tresmillones van  
Color que ilumina sueños  
Orgullo de identidad  
Soy, Celeste soy  
Soy, Celeste<sup>49</sup>*

As linhas de trem construídas pelos ingleses nas décadas finais do século XIX representaram muito mais que formas mais eficazes de escoar a produção ou transportar passageiros. Os vagões da The Central Uruguay Railway (C.U.R.) – companhia de capital britânico que administrava as ferrovias do país – trouxeram consigo um esporte bretão que se tornaria um importante elemento cultural e social uruguaio: o futebol.

No ano de 1890 a empresa compra em Villa Peñarol, bairro localizado cerca de 10 km ao norte da capital Montevideú, dezessete hectares de terra para instalar, nessa região, uma oficina de trem<sup>50</sup>. Os patrões ingleses, acostumados com as lutas sindicais dos trabalhadores, confiavam no poder de controle das massas do esporte e do lazer. “*Quién organiza partidos de fútbol, no organiza huelgas*”<sup>51</sup>, acreditavam os dirigentes das fábricas, aplicando o futebol como disciplinarização das classes populares<sup>52</sup>. Era necessário entreter os trabalhadores durante o “tempo livre”.

É nesse contexto que surge, no ano de 1891, o Central Uruguay Railway Cricket Club (CURCC), clube de recreação esportiva dos trabalhadores da empresa. Desde o princípio, o *football* converteu-se em esporte majoritariamente praticado, convertendo-se em uma das primeiras entidades futebolística do Uruguai. A ata fundadora do CURCC é um reflexo da sociedade uruguaia da virada para o século XX, onde o número de imigrantes europeus crescia vertiginosamente. Dos 124 fundadores, 45 eram *criollos* uruguaio, 78 britânicos e 1 alemão,<sup>53</sup> o que demonstra como, apesar de seu embrião europeu, o futebol desde muito cedo teve contato com os habitantes locais. Certamente, o esporte que atravessou o atlântico trazido pelos imigrantes em navios a

---

<sup>49</sup> LOMBARDO, Edu. *Descolgado el cielo*. Intérprete: Edu Lombardo. Montevideú, 2010.

<sup>50</sup> 120, serás eterno como el tiempo. Direção: Shay Levart. Produção: Ari Carretero, Lucía Moreira, Shay Levart. Montevideú, Doc, 145 min, 2012.

<sup>51</sup> MORALES, Franklin. *Literatura y Fútbol*. Montevideú. Centro Editor de América Latina. Capítulo Oriental 42, s/d. p. 657.

<sup>52</sup> LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (org). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas. Editora da Unicamp, 2004. p 130

<sup>53</sup> El Grafico: Peñarol la história. Nº 1. Novembro de 1998. p. 3.

vapor ao entrar em contato com os uruguaios e assimilado pelos mesmos, se converteu em uma prática nova.

Entretanto, não foi somente através das ferrovias que o esporte entrou no país. O historiador Julio Frydenberg, ao estudar a chegada e o desenvolvimento do futebol na Argentina, pontua a importância das instituições de ensino criadas pela colônia inglesa, principalmente na cidade de Buenos Aires.

[las escuelas] introdujo en el ámbito rioplatense el modelo inglés que incorporaba los deportes al programa escolar. Y entre los deportes se destacaba el fútbol. Según los parámetros educativos vigentes desde hacía décadas en Gran Bretaña, la disciplina era un elemento fundamental y modelador de la conducta de los alumnos, con una concepción en la que los deportes desempeñaban un papel central. Esos objetivos dominaron el programa educativo en general y el deportivo en particular, sobre todo en lo atinente a la incorporación de la moral del *sportsman* por parte de los alumnos<sup>54</sup>.

Essa noção de moralizar os alunos através dos esportes, estava presente também nas escolas britânicas de Montevideú, cidade tida como “irmã” de Buenos Aires, onde diversas escolas também foram criadas pelos imigrantes europeus. A grande maioria dos primeiros praticantes de futebol do país era oriunda dessas escolas, bem como clubes recreativos e sociais britânicos<sup>55</sup>, sendo o CURCC uma exceção, já que nasceu no ambiente operário<sup>56</sup>.

Portanto, o contato inicial da população dos países sul-americanos - como Argentina, Brasil e Uruguai - com o futebol tem duas vias principais, como aponta o historiador Leonardo Pereira:

A sua [do futebol] expansão junto ao capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente – que se

---

<sup>54</sup>FRYDENBERG, Julio. História Social del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires. Siglo Veintiuno Editores, 2013. p. 26.

<sup>55</sup>Os primeiros clubes de futebol do Uruguai que eram oriundos dos colégios ingleses principalmente o The English High School (1874) e o The British School (1885). Dessas duas instituições derivam o Albion Football Club (1891) e o Uruguay Athletic Club (1898). Dos imigrantes alemães deriva o Deutscher Fussball Klub (1900). Ver RODRÍGUEZ, Alejandro Giménez. Presencia inglesa en el Uruguay a través del fútbol. 3 er Seminario Regional de Ciudades Fortificadas. Montevideú. 2007.

<sup>56</sup>No contexto brasileiro, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, é interessante referenciar o caso da criação em 1904 do The Bangu Athletic Club (que posteriormente se tornaria Bangu Atlético Club). Assim como o CURCC, nasceu de uma fábrica – têxtil, da Companhia Progresso Industrial – de capital britânico, diferente dos outros clubes cariocas criados principalmente por estudantes de famílias abastadas que estudavam nos colégios europeus. O Bangu (assim como o CURCC com os uruguaios), desde sua fundação admitia operários de nacionalidade brasileira (bem como de outras nacionalidades como italianos e portugueses). Além disso, foi o primeiro clube brasileiro a escalar negros no seu elenco. Ver: LOPES, José Sérgio Leite Op. Cit p. 130 – 134.

concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nesses países e na grande influência que a cultura bretã passava a ter sobre eles; a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar<sup>57</sup>.

Nos anos finais do século XIX havia registros na imprensa de mais de oitenta clubes praticando futebol em Montevideu. Com a cada vez maior adesão do esporte em terras orientais, o sentimento *criollo* crescia e esse movimento pode ser percebido nos nomes dos clubes que cada vez mais adotavam designações em castelhano, como por exemplo, Platense, Oriental e Progreso<sup>58</sup>. O CURCC, que seguramente era a equipe com maior popularidade devido a sua origem fabril, passou a ser chamado de Peñarol, como referência ao bairro de origem da equipe e dos jogadores conhecidos como *Los de Peñarol*.

Nesse cenário, nasce em 1899, com a fusão dos clubes Montevideo e Uruguay Athletic de La Unión, o Club Nacional de Football. A equipe, idealizada principalmente por estudantes universitários, reivindicou para si a alcunha de “*equipo criollo*” que representasse o sentimento nacionalista. Suas cores foram pensadas nesse sentido, tricolores (azul, vermelho e branco) assim como “*la Bandera de Artigas*”, um dos símbolos do país.

Tais sentimentos nacionalistas eram compartilhados pelo setor batllista do Partido Colorado, defendendo a industrialização do país e uma menor dependência estrangeira. Nos anos iniciais do século XX o batllismo tornou-se majoritário dentro do coloradismo e chegou ao ano de 1903 à presidência com o seu líder José Batlle y Ordóñez. Não é possível entender a assimilação do futebol no Uruguai sem ter conta do contexto político do Uruguai nas primeiras décadas dos noventa.

O processo de modernização, tanto no âmbito político como econômico, vivido pelo Uruguai nas primeiras décadas do século XX foi fundamental para a popularização do futebol especialmente na capital Montevideu. O desenvolvimento industrial e o crescimento urbano gerados principalmente com a chegada de Batlle y Ordóñez a

---

<sup>57</sup>PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000. p.27

<sup>58</sup>LUZURIAGA, Juan Carlos. *Nacional y Peñarol en e lNovecientos: la génesis de larivalidadclásica*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideu. Biblioteca Nacional, 2014. p 194

presidência, intensificou a imigração sustentando um “nacionalismo cosmopolita”<sup>59</sup>, onde os imigrantes necessitavam também serem integrados à sociedade, tornarem-se uruguaios, e os esportes de um modo geral – principalmente o futebol – desempenharam um papel decisivo nessa tarefa.

Rodolfo Porrini disserta como a partir do estabelecimento de leis trabalhistas, principalmente depois das leis laborais da década de 1910 (jornada de oito horas, descanso semanal, férias) os trabalhadores dispunham de um maior “tempo livre” e o estado uruguaio fomentou políticas de recreação e lazer para essa nova estrutura, pensada como questão de saúde pública, buscando uma melhor qualidade de vida em meio a um modelo econômico industrial que gerava para o trabalhador nocivas condições de trabalho<sup>60</sup>. É nos anos de governo de Batlle y Ordóñez que é criada a *Comisión Nacional de Educación Física* com o objetivo de desenvolver o esporte e a recreação. No ano de 1900 foi fundada a *Asociación Uruguaya de Fútbol* (AUF) onde os primeiros campeonatos nacionais foram organizados e a seleção uruguaia - que ficaria conhecida como *Celeste* devido a cor do uniforme – foi criada. A construção de praças e parques foram marcas do período e o seu uso incentivado. O futebol popularizava-se dentro da classe trabalhadora com a criação de ligas de bairros e ligas sindicais paralelas a AUF.

Los deportes podían constituir un factor atractivo en la vida de los trabajadores. Si se jugaba o presenciaba, si le dedicaba poco o mucho tiempo; si constituía una forma de vida y “profesional”, o si lo practicaba por pura diversión. Es probable que los éxitos futbolísticos de la “celeste” en el terreno latinoamericano – desde 1916 – y mundial desde la Olimpiada de 1924 hayan influido en esta explosión y creciente interés en este deporte en particular<sup>61</sup>

As grandes conquistas da *Celeste* na década de 1920 ajudam a compreender o processo de popularização do futebol no Uruguai bem como evidenciam a estreita relação entre futebol e política. Como já apontado neste trabalho, no ano de 1919 o poder executivo do país era dividido entre a Presidência da República e o *Consejo Nacional de Administración* (CNA) para apaziguar as disputas (durante décadas sangrentas) entre os dois partidos tradicionais, bem como disputas internas do próprio

---

<sup>59</sup>QUINTELA, Guido. *Colombes 1924: El triunfo celeste y sus usos políticos*. In: Cuaderno de Historia 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideo. Biblioteca Nacional, 2014. p. 18

<sup>60</sup>PORRINI, Rodolfo. *Izquierda uruguaya y cultura obrera. Propuesta al ‘aire libre’*: el caso del fútbol (Montevideo, 1920 – 1950). Maringá. Diálogos v. 16, n.1, 2012. p. 75

<sup>61</sup>Ibidem p. 77

partido Colorado. Três anos depois, no ano de 1922, divergências entre as direções dos dois já históricos rivais Nacional e Peñarol resultaram em um racha na administração do futebol uruguaio. Neste ano, foi criada a *Federación Uruguaya de Football* (FUF)<sup>62</sup> uma cisão da AUF, sob o comando do presidente do Peñarol Júlio María Sosa. O mandatário *carbonero* (como é conhecido o Peñarol) era membro do Partido Colorado, figura histórica do batllismo, que, entretanto, tornou-se um colorado mais moderado nos anos de 1920 e membro do CNA.

A AUF estava sob o comando de Atílio Narancio, dirigente histórico do Club Nacional de Football e uma das figuras mais influentes do batllismo. Também era membro do CNA, tendo atuado anteriormente como deputado e senador. Certamente os governos batllistas tinham ciência da relevância de manter o controle de uma entidade importante como a AUF em mãos de aliados políticos como Narancio<sup>63</sup>. Na vice-presidência da AUF estava o filho de Batlle y Ordóñez, César Batlle Pacheco.

Paralelamente a AUF e a FUF, surge no Uruguai dos anos 1920 uma outra proposta de organização do futebol local. A chamada *Federación Roja del Deporte* (FRD), criada por membros do Partido Comunista, com influência nos sindicatos industriais, se apresentava como uma proposta alternativa do que consideravam “futebol burguês” da AUF e da FUF. O objetivo principal era dar uma preparação física e recreação para os trabalhadores, mantendo-os saudáveis<sup>64</sup>.

Essas três entidades, que estavam vinculadas a três alternativas políticas distintas, tinham influências em diferentes jornais e meios de comunicação – AUF era batllista e tinha influência no jornal *El Día*; a FUF sob o comando de um opositor tinha influência no jornal *El País*; e a FRD, comunista vinculava o jornal *Justicia*. A cobertura da primeira grande conquista internacional do futebol uruguaio, as Olimpíadas de Paris no ano de 1924, fica evidenciado as disputas políticas tendo o futebol como pano de fundo. Essa é a temática do trabalho de Guido Quintela. Tendo os três periódicos citados como fonte, o autor analisou a cobertura feita sobre a vitória do

---

<sup>62</sup>O motivo para a criação da FUF seria que no ano de 1922 o Club Atlético Peñarol desejava enfrentar em amistosos a equipe argentina do Racing Club de Avellaneda, que pertencia a Asociación Amateur Argentina, entidade não reconhecida pela FIFA. Esse pedido foi negado pela AUF por ser contra o estatuto, que permitia apenas encontros contra equipes filiadas a Asociación del Fútbol Argentino (AFA). Essa negativa motivou os dirigentes do Peñarol a criar a FUF.

<sup>63</sup>QUINTELA, Guido. Op. Cit. p. 16

<sup>64</sup>PORRINI, Rodolfo. Op. Cit. p. 80

*team celeste* – coroada com uma implacável vitória de 3 a 0 sobre o selecionado suíço - na França foi apropriada pelas diferentes matizes políticas.

No se puede dejar de lado que en la década del veinte, con la vigencia de la Constitución de 1919, las elecciones se hicieron muy frecuentes, y las leyes que permitieron frenar el fraude electoral contribuyeron a una feroz disputa. Por lo tanto, en este período se puede ver a un Montevideo donde el voto comienza a ser una especie de premio que tienen que buscar los diferentes partidos, y donde la prensa escrita ocupa un lugar de oro como el único medio de comunicación masiva. Prácticamente todos los sectores de los diferentes partidos se vieron embanderados bajo un diario a través del cual exponían todas sus opiniones con respecto a los diferentes temas, dándole más importancia a unos u otros dependiendo también del momento general en el que el país se encontraba, pero sin nunca dejar de lado las metas que querían alcanzar: dejar enaltecidas sus figuras políticas visibles, desmerecer a sus más cercanos adversarios políticos, entre otras<sup>65</sup>.

O jornal *El Día* foi o único meio de comunicação uruguaio que enviou um correspondente a Paris, e mais uma vez a filiação batllista fica clara, já que o enviado é o jornalista Lorenzo Batlle Pacheco, irmão de César e filho de José Batlle y Ordóñez. Exaltando a vitória como “*Nuestra Victoria*” com um objetivo de passar um sentimento de unidade nacional, a cobertura do jornal buscou também exaltar figuras não desportivas, como o caudilho colorado José Batlle y Ordóñez, tido como um visionário seguidor do futebol que não via os primeiros jogadores a praticar o esporte no Uruguai como “*locos, sino como muchachos entusiastas por un juego que después había de conquistar al mundo entero*”<sup>66</sup>. Outro líder batllista exaltado pelo jornal foi o presidente da AUF Atílio Narancio, numa clara intensão de conquistar o eleitorado para o batllismo e angariar futuros votos:

El doctor Narancio, presidente de la Asociación Uruguaya de Football, fue el alma mater de la concurrencia del team uruguayo a la Olimpiada. Su tesón infatigable, su energía dominadora, allanaron mil obstáculos<sup>67</sup>

Seguindo a mesma linha, o outro grande diário uruguaio exaltava figuras políticas tidas como decisivas para a conquista celeste. Porém, com a posição claramente oposicionista, a figura exaltada foi o deputado do Partido Nacional e integrante do AUF Casto Martínez Laguarda que teria sido o responsável pela gira de amistosos no continente europeu que antecederam os Jogos Olímpicos, deixando ao

---

<sup>65</sup>QUINTELA, Guido. Op Cit. p 24

<sup>66</sup>El Día, 13 de junio de 1924 p. 9 apud QUINTELA, Guido. OpCit p. 25

<sup>67</sup>El Día 12 de junio de 1924 p. 9 Idem. p. 25

colorado Narancio um papel secundário. “¿Quién conocería en Europa al football uruguayo y a sus “cracks” si Casto Martínez Laguarda no le abre paso?”<sup>68</sup>”

É interessante a maneira como a imprensa de esquerda repercutiu a conquista. O jornal *Justicia*, vinculado ao Partido Comunista, trata o acontecimento de maneira crítica, queixando-se dos usos políticos dos partidos tradicionais e da burguesia que, na opinião dos comunistas, usaram o logro futebolístico para diminuir a consciência de classe dos trabalhadores que estavam sendo deslumbrados por seus exploradores. Outro elemento duramente criticado pelo jornal foi o discurso nacionalista utilizado pelos outros meios, reforçando seu caráter internacionalista:

El team uruguayo de football actualmente en Europa después de repetidas victorias, acaba de clasificarse campeón del mundo. Una explosión de entusiasmo popular saludó a la victoria, y hubiera sido legítima y digna de aplauso si no se hubiera manchado con el veneno patrioter que ha infiltrado la burguesía para favorecer sus intereses. El triunfo ha sido explotado políticamente por la clase gobernante para enardecer al pueblo y emborracharlo con los prejuicios sobre los cuales descansa el imperio de su fuerza esclavizante<sup>69</sup>

Se a conquista em Paris consolidou definitivamente o futebol como esporte mais popular do Uruguai, o bicampeonato Olímpico em Amsterdã em 1928 foi a afirmação de uma escola. O estilo rioplatense de jogar futebol<sup>70</sup>.

A vitória de 1924 colocou o futebol uruguaio e sul-americano em evidência, e na década de 1920 os selecionados argentino e uruguaio dominavam o cenário local. Assim como os tangos de Carlos Gardel, o futebol rioplatense conquistava o “velho continente” com grandes clubes locais como o Nacional e o Boca Juniors sendo convidados a realizarem giras. É nesse período que a imprensa começa a utilizar expressões como *garra charrua*<sup>71</sup>, que definiam o estilo de jogo como um forte

---

<sup>68</sup>El País, 10 de junio de 1924 p. 3 Idem p. 26

<sup>69</sup>Justicia 10 de junio de 1924 p.1 apud QUINTELA, Guido. Op. Cit. p. 21

<sup>70</sup>MORALES, Andrés. *La identidad rioplatense y el fútbol. Confraternidad y violencia en el clásico del Río de la Plata*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideu. Biblioteca Nacional, 2014. p. 32

<sup>71</sup>Charrua é a denominação do povo nativo que habitava o sul do Rio Grande do Sul e o Uruguai antes da chegada dos colonizadores europeus. Considerados como um povo extremamente guerreiro e que dominavam como poucos a montaria de cavalos, o povo Charrua é elemento fundamental para a identidade uruguaia. A expressão *guarra charrua* até os dias de hoje é utilizada para caracterizar o estilo de jogo aguerrido e com muita força física do futebol uruguaio. Ver: FACCIO, Florencia. *El fútbol como*

elemento de identidade nacional. Um estilo moldado, segundo Franklin Morales, muito mais no coletivo que no individual, onde o fenômeno político do batllismo com seu estado de bem-estar, com a construção de parques, pistas e canchas públicas trouxeram como resultado muito mais logros em esportes coletivos que individuais<sup>72</sup>.

Nos Jogos Olímpicos de 1928 realizados em Amsterdã, na Holanda, Uruguai e Argentina foram soberanos, chegando à final, que foi decidida em dois jogos, onde mais uma vez *La Celeste* sagrou-se campeã. O sucesso futebolístico uruguaio nos anos de 1920 foram decisivos para que o país fosse escolhido como sede do primeiro Campeonato Mundial de Futebol organizado pela FIFA no ano de 1930. A euforia não era apenas no esportivo, no político, a jovem democracia uruguaia mostrava-se estabilizada, com a aprovação de leis trabalhistas e sociais. É nesse momento que surge o apelido de “Suíça das Américas”. O campeonato mundial seria uma espécie de “cereja do bolo” para coroar o batllismo bem no ano do centenário de independência do país<sup>73</sup>.

Centenário foi o nome dado ao imponente estádio, com capacidade para mais de 70 mil espectadores, construído na capital uruguaia para a realização do torneio. Sua construção ocorreu em tempo recorde de 9 meses<sup>74</sup>. Além disso, os custos do torneio foram custeados pelo estado uruguaio, o que mostra o grande interesse do governo batllista no evento futebolístico. Os nomes das quatro tribunas do estádio são emblemáticos: Colombes (em referência ao estádio da final do torneio Olímpico de Paris de 1924); Amsterdã (segundo título Olímpico de 1928); América e Olímpica.

Mais uma vez a final foi entre uruguaio e argentinos, onde os donos da casa venceram por 4 a 2. O plano batllista de uma grande festa nacional teve grande êxito no campo esportivo, porém em 1930 os efeitos da crise econômica mundial podiam ser sentidos. Desemprego, queda nas importações, desvalorização do Peso, que culminaram no fim da estabilidade democrática com a ascensão do ditador Gabriel Terra.

Assim como no econômico, social e político, o futebol também entra em um ciclo de crise nas décadas de 1930 e 1940. Em 1932 um novo elemento será decisivo

---

*espacio de producción de identidad acerca de la “garra charrua”* Disponível em: [http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2006/art06\\_10.pdf](http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2006/art06_10.pdf) Acesso em 11 de out 2015.

<sup>72</sup>MORALES, Franklin. *Maracanã: os labirintos do caráter*. São Paulo. Companhia das Letras, 2014. p. 3

<sup>73</sup> FACCIO, Florencia. *El primer Campeonato Mundial de Fútbol, Uruguay 1930, en el contexto de la globalización*. In: Cuaderno de História 8. *A romper lared: abordajes en torno al fútbol uruguayo*. Montevideo. Biblioteca Nacional, 2012. p. 50

<sup>74</sup><http://www.estadiocentenario.com.uy/site/History> Acesso em 11 out 2015.

para os rumos do esporte no país platino. A lógica capitalista atinge em cheio o esporte e nesse ano é instaurado o profissionalismo. Jogadores uruguaios, astros das conquistas Olímpicas e Mundial são visados por equipes estrangeiras, principalmente argentinas e italianas, o que enfraqueceu consideravelmente a *Celeste* e clubes como Peñarol e Nacional perderam suas principais referências<sup>75</sup>.

Podemos dizer que com a profissionalização surge uma nova classe de trabalhadores. Como aponta E.P. Thompson:

A classe acontece quando alguns homens como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus<sup>76</sup>.

Nesses anos entre o início da profissionalização e 1948, ano da greve de atletas profissionais que é tema deste trabalho, que as experiências desses trabalhadores formam sua consciência de classe<sup>77</sup> que culminaram no conflito entre jogadores e dirigentes. Outras greves já haviam acontecido no Uruguai, mas como tentamos mostrar, o futebol ocupa um papel importante na sociedade uruguiaia, e uma greve no mundo futebolístico carrega um elemento novo: os jogadores perante a opinião pública eram praticamente inabaláveis. Tanto as experiências e estratégias desses homens como o elemento da opinião pública e a atuação da imprensa serão objetos no próximo capítulo deste trabalho.

---

<sup>75</sup>MASENA, Jorge. *Las rivalidades futbolísticasrioplatenses. Período 1931-1940*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideú. Biblioteca Nacional, 2014. p. 214.

<sup>76</sup>THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. São Paulo. Paz & Terra, 2011. p. 10

<sup>77</sup>Idem.

## **2 - A Greve dos Jogadores Profissionais**

### **2.1 Situando a fonte: o jornal *El País***

As fontes desse trabalho provêm das páginas esportivas do jornal *El País*, periódico de grande popularidade no Uruguai até os dias atuais. Fundado em 1918 na cidade de Montevideu, o jornal tem forte ligação com o Partido Nacional. Seu primeiro diretor, Eduardo Rodríguez Larreta, era homem forte do Partido e foi Ministro das Relações Exteriores do Uruguai entre os anos de 1945 e 1947<sup>78</sup>.

O jornal rivalizava em vendas com o periódico *El Día*, fundado em 1886 por José Batlle y Ordóñez, considerado o principal meio de propagação dos ideais batllista e do Partido Colorado.

Defensor do liberalismo econômico e do conservadorismo político, o periódico era a época da greve declaradamente anticomunista e crítico da política econômica nacionalista imposta pelos governos batllistas no Uruguai.

---

<sup>78</sup>Disponível em <http://servicios.elpais.com.uy/paginas/columnistas/trayectoria.asp> Acesso em 16 nov de 2015.

## 2.2 A MUTUAL de jogadores profissionais

Com o desenvolvimento industrial e o aumento vertiginoso da urbanização, principalmente em Montevideu (onde grande parte da população se concentra) emergiu uma nova classe trabalhadora, particularmente após a ditadura terrista. Entre os anos de 1936 e 1948 mais de 63 mil pessoas tornaram-se trabalhadores industriais<sup>79</sup>, um número bastante significativo para um país com uma população tão reduzida como o Uruguai. A grande maioria desses novos trabalhadores já não era mais provenientes da imigração europeia mas sim migrantes internos que saíam do interior do país atraídos pelas ofertas de emprego na capital.

Essa massiva chegada de novos trabalhadores fomentou um aumento e uma reorientação do sindicalismo uruguaio. Nesse cenário aparecem os sindicatos e federações por ramos de atividade (industriais como construção civil, metalurgia, têxteis; setor terciário como os bancários e de funcionários públicos como os professores), o denominado sindicalismo de “massas”<sup>80</sup>. Logo após a ditadura de Terra e principalmente durante o período neobatllista foi adotada uma estratégia de conciliação de classes e uma resposta política fundamentada para a efetivação disso foi a criação dos *Consejos de Salarios*.

Os *Consejos de Salarios* eram comissões tripartidas integradas pelo governo, empregadores e sindicatos, dos mais variados ramos de atividades, que tinham a finalidade de fixar um salário mínimo para os trabalhadores. Os *Consejos* eram um instrumento complexo que possibilitaram aumentos salariais, canalizaram as lutas por melhores salários, fomentaram a criação de novos sindicatos e impulsionaram a organização de militantes de esquerda (comunistas, socialistas e anarquistas). Porém foram muito mais um espaço de integração dos trabalhadores do que confrontação de poderes.<sup>81</sup> Ibarra aponta que:

---

<sup>79</sup>PORRINI, Rodolfo. *La historia de la clase obrera y los sindicatos en el siglo XX: experiencias y aportes*. p. 4. Disponível em <http://www.pvp.org.uy/wp-content/uploads/2011/05/porrini.pdf> Acesso em 21 out 2015.

<sup>80</sup>Idem. p. 6

<sup>81</sup>PORRINI, Rodolfo. *Movimientos Sociales: el movimiento sindical y las organizaciones sociales*. Montevideu. Nuestro Tiempo. 2014. p. 14

La formación de una clase obrera masiva, con luchas y organizaciones autónomas de los partidos y el gobierno, tuvo como respuesta política la creación de una institución particular. Bajo su forma clásica, los Consejos de Salarios comprenden exclusivamente a los obreros urbanos y los separan de otros trabajadores vinculados por formas distintas de explotación. Reproducen las formas de organización por ramas de actividad, creadas por los trabajadores, con el propósito de reemplazar sus expresiones autónomas por instituciones representativas. No establecen una relación paritaria entre obreros y patronos, ni imponen tampoco el predominio del estado. Su peculiar diseño procura subordinar las necesidades de los trabajadores al capital, introduciendo al gobierno como mediador de los conflictos.<sup>82</sup>

Como citado no capítulo anterior, o futebol desempenhou um papel fundamental para o lazer dessa crescente classe trabalhadora industrial. Com a profissionalização no ano de 1932, houve a criação da *Liga Uruguaya de Football*<sup>83</sup> - organizadora dos primeiros campeonatos da era profissional - acelerando o processo de mercantilização do futebol. Segundo levantamentos realizados pelo pesquisador Franklin Morales, o número de ingressos vendidos entre os anos de 1945 e 1948 eram de 615.000 entradas anuais, gerando um lucro significativo aos clubes, principalmente aos populares Nacional e Peñarol<sup>84</sup>. Um exemplo disso foi uma partida de meio de campeonato e com chuva, o que geralmente leva a um público reduzido, realizada no dia 2 de outubro de 1948, onde Peñarol venceu o Danúbio sob os olhares de 23 mil torcedores no estádio Centenário, gerando uma renda de 5.027,80 pesos<sup>85</sup>. Pinturas e placas publicitárias já estavam presentes nos estádios, bem como serviços de lanchonete e bar<sup>86</sup>. Os clubes do futebol uruguaio, o mais vitorioso daquela época, eram constantemente convidados a realizarem turnês pela Europa. O futebol era, após sua profissionalização, uma atividade lucrativa, geradora de uma série de empregos - diretos e indiretos – e, certamente, o jogador profissional de futebol era o principal deles.

---

<sup>82</sup>IBARRA, Luis. *Entre la precarización y el mando: los Consejos de Salario de Uruguay*. Montevidéo. IX Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales Universidad de la República (Udelar), 2013. p. 4.

<sup>83</sup>*História de la Asociación Uruguaya de Fútbol*. Disponível em <http://www.auf.org.uy/Portal/HISTORY/> Acesso em 21 out 2015.

<sup>84</sup>Idem. p 18.

<sup>85</sup>*El País*, p. 9 03/10/1948

<sup>86</sup>A publicidade em camisas não existia nos anos de 1940. Eduardo Galeano aponta que o Peñarol “em meados dos anos 50” foi a primeira equipe uruguaia a estampar uma propaganda em sua camiseta. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM 2010. p. 99.

Ao estudar os movimentos sociais em São Paulo durante as décadas de 1970 e 1980, o sociólogo Eder Sader trabalha com o conceito de “sujeito coletivo”<sup>87</sup>. Através da coletividade, esse sujeito vai formar uma identidade, pensar e agir em conjunto, expressar suas vontades e reivindicações afim de defender seus interesses.

O sujeito coletivo vai surgindo na dinâmica dos movimentos sociais, entre as pessoas que vão se descobrindo uma às outras, a partir de uma identidade própria, de histórias semelhantes, de problemas e esperanças comuns. Pessoas que têm valores semelhantes e um destino comum, o que possibilita a elaboração de um projeto de futuro para mudar a realidade circundante, com base nas práticas desenvolvidas durante a mobilização<sup>88</sup>

Trabalho com a ideia que após a profissionalização, os jogadores de futebol uruguaios tornaram-se um sujeito coletivo, reconheceram-se como uma categoria de trabalhadores que necessitava de uma organização para a defesa de seus interesses.

Nesse cenário surge – com o objetivo de defender os interesses dos profissionais - em agosto de 1946 a MUTUAL *Uruguaya de Futbolistas Profesionales*, entidade que até hoje representa os atletas de futebol no país. Diferentemente de outras categorias de trabalhadores, os jogadores de futebol não estavam amparados pelas diversas leis trabalhistas aprovadas e consolidadas durante os governos batllistas e neobatllistas, sendo sua atividade regida por um regime de contrato próprio e amplamente favorável aos dirigentes e aos Clubes.

Alcides Ghiggia, notável ponta-direita do Peñarol, autor do segundo gol uruaio no *Maracanazo*, como ficou conhecida a épica final do Campeonato Mundial de Futebol de 1950, afirmava que antes da fundação da MUTUAL, “*los jugadores no tenían ninguna defensa. Dirigentes y los clubes hacían lo que querían*”<sup>89</sup>. A complexidade da relação entre jogador e clube passou a ser um tema cada vez mais presente, também no meio jurídico, como aponta Franklin Morales ao mostrar a opinião de dois juristas da época:

---

<sup>87</sup>SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 55.

<sup>88</sup> SANTOS, Regina Bega dos. *Movimentos sociais urbanos*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 31-32. apud FERREIRA, Rafael Leite. A volta à cena política: movimentos sociais em época de "liberalização" do regime militar brasileiro. Disponível em:

[http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=387#\\_edn26](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=387#_edn26) Acesso: 21 nov 2015.

<sup>89</sup>Maracaná. Direção: Sebastián Bednarik; Andrés Varela. Produção: Coral Cine. Montevideú, doc, 75 min. 2014.

el doctor Héctor Hugo Barbagelata decía después de concluir que se estaba frente a un contrato de trabajo; "el club, gracias al derecho al pase, dispone de un 'derecho al jugador' de carácter estrictamente feudal". Hay quien interpreta, como el doctor Héctor Odriozola, que el jugador es un artista y debe estar sometido a un régimen legal especial: "El contrato de trabajo deportivo presenta modalidades que justificarían una legislación especial y aun encarecen la necesidad de la misma. La discontinuidad del trabajo, su realización dominical y nocturna, el sistema de adiestramiento, concentraciones y viajes, el régimen de transferencias, las penalidades aplicables por la propia asociación y por órganos federativos son, entre otros, aspectos peculiares que la ley debe regular de un modo específico"<sup>90</sup>.

Notoriamente, a mudança no regime de contratos era a principal reivindicação dos jogadores e da MUTUAL. A alegação dos atletas era que uma vez assinado o contrato o jogador estava impossibilitado de se desvincular do clube, que exercia um *"derecho de propiedad exclusivo y arbitrario, reflejo de otras épocas que felizmente pasaron a la historia."*<sup>91</sup> Em suas declarações, os jogadores reforçavam, de maneira negativa, sua condição de trabalhadores desamparados pelas leis trabalhistas e de contrato dos demais assalariados.

No es posible aceptar que en un país, en donde se le reconoce a todos sus habitantes, la más amplia y absoluta libertad, de acuerdo a las normas constitucionales y legales en vigencia, exista un régimen de excepción con respecto a los jugadores de fútbol, para los cuales la libertad de trabajo, es un bello principio que no tiene aplicación práctica, y ello es así, por la sencilla razón de que, el jugador que ha cumplido estrictamente con todas sus obligaciones al finalizar su contrato, tiene que enfrentarse a ese penoso dilema: acepta las condiciones que el Club le impone para hacer un nuevo contrato, o no juega más al fútbol, ya que otra entidad no puede usar de su concurso, si la que posee, no le acuerda su consentimiento o pase, y esto, lo determinan los Sres. Dirigentes en la forma que más crean conveniente para sus intereses, sin tener para nada en cuenta, los del jugador.<sup>92</sup>

O regime do futebol uruguaio permitia aos dirigentes dos clubes diversas manobras para que o contrato firmado atendesse seus interesses. Uma estratégia adotada era a tática do "giro". Quando um clube não desejava fazer um novo contrato com o atleta, porém também não desejava vender seu passe, o dirigente passava a emprestá-lo

---

<sup>90</sup>MORALES, Franklin. *Futbol: mito y realidad*. Montevidéo. Nuestra Tierra 22, 1969. p. 52.

<sup>91</sup>*El País*, p. 10 Montevidéo, 13/10/1948

<sup>92</sup>*El País*, p. 10 Montevidéo, 13/10/1948

exercendo seu “*derecho de propiedad*”<sup>93</sup>. Enquanto estava emprestado, o tempo de contrato permanecia congelado. “*Existen en la actualidad jugadores, que desde hace 4 o 5 años, vienen jugando un año por cada Club, sin dejar de pertenecer por ello al Club en el que está fichado, quien año a año, repite hasta el cansancio esa operación.*”<sup>94</sup>

Desde sua fundação, a entidade buscava uma forma de negociação com os dirigentes dos clubes e com a AUF, porém foram constantemente ignorados, o que motivou a greve e a paralização das atividades – que trataremos com maior atenção no próximo item - em outubro de 1948. Nas páginas do jornal El País do dia 15 de outubro de 1948, um dia após declarada a greve, foi relatada a desconsideração dos dirigentes em um texto intitulado “*Una medida necesaria y además esperada*”:

[...] Quienes han leído EL PAÍS saben perfectamente de la razón que asiste a los jugadores quienes ayer mismo leyeron nuestra página habrán comprendido la importancia de la medida y de la urgente necesidad de la [?] que el régimen actual no podía subsistir. [...] La Mutual realizó una política serena y de acercamiento. Trató por todos los medios de buscar a un entendimiento con los Dirigentes. Recurrió a la Junta. Recurrió a la prensa. Recurrió a las radios. El desinterés fue total. Por fin puso todos los antecedentes en manos del Ministerio de Industrias y Trabajo, pero aquí también fracasaron los jugadores por la Asociación dio largas al asunto. ¿Qué le quedaba jugadores profesional? ¿Otro plazo? ¿Y para qué? No hace dos años que solicita, ruega y no se la oye? Todo esto lo dijimos hace tiempo y ahí están los resultados.<sup>95</sup>

Ter acesso aos direitos trabalhistas conquistados pelos trabalhadores reconhecidos – o futebolista ser tratado como um trabalhador – era uma das principais reivindicações da MUTUAL, acentuando a insatisfação com o regime contratual até então vigente. Os dirigentes alegavam que o contrato diferenciado era legítimo, já que os clubes eram - segundo eles – entidades sem fins lucrativos (o que entra em contradição com a venda de ingressos, turnês pela Europa e América do Sul, premiações, etc.). Entretanto, o jogador era o único funcionário do clube desamparado pelas leis trabalhistas, diferentemente de outros trabalhadores que desempenhavam outras funções como por exemplo a limpeza ou a jardinagem, que eram assegurados pelas leis laborais vigentes com vencimentos mínimos estabelecido por *Consejos de*

---

<sup>93</sup>El País, p. 10, Montevideu, 15/10/1948.

<sup>94</sup>El País, p. 10, Montevideu, 15/10/1948.

<sup>95</sup>El País, p. 10, Montevideu, 15/10/1948.

*Salarios*. Com um texto intitulado “*El Futboleres un Obrero*”, a MUTUAL buscou tornar pública e explicar a sua “missão gremial”

Esta es la base de la que deben arrancar los Sres. Dirigentes de los Clubes y Asociación U. de Fútbol, para tratar nuestro Proyecto. No obstante entender esto, nuestros dirigentes en el mismo, la serie de ventajas de que goza cualquier empleado u operario, como ser: Asignaciones Familiares, Seguro contra Accidentes etc, etc, no se incluyeron, para que se nos dijera que pedíamos lo imposible. Los Sres. Dirigentes de los Clubes aducen a ese respecto, que sus instituciones no fueron creadas con espíritu lucrativo y que el contrato del jugador, es un contrato “sui-géneris” o especial y que el mismo no puede ser aceptado como una contratación de servicios de cualquier otro profesional, sin embargo la Ley del Consejo de Salarios, fijó por otro lado y fue aceptado por ellos, el laudo correspondiente a los demás empleados de administración y oficina, que debe tener cada Club y que se remuneran los servicios del jugador del fútbol, es decir que, cada uno en su tarea, desempeña para la institución, el cargo que tiene asignado.<sup>96</sup>

As condições de trabalho também eram uma pauta importante do sindicato. Eram constantes as reclamações dos jogadores a respeito do estado dos gramados, vestiários e instalações dos clubes que, segundo a MUTUAL, estavam longe do ideal e do mínimo exigido pela AUF. Nesse ponto também eram constantes as queixas dos atletas perante a falta de diálogo e atenção do que eles classificavam como “autoridades competentes”, os dirigentes dos clubes e da AUF e o poder público na figura da *Comisión Nacional de Educación Física*, esgotando todas as tentativas de meios legais de negociação.

Este es un asunto al cual la Mutual prestó la atención que merecía, en razón de que siempre velará por la salud física de sus afiliados, por entender que del mismo, mucho dependía ésta. Desgraciadamente las autoridades competentes en la materia, hicieron oídos sordos a las justas e imperiosas reclamaciones de nuestra entidad. Como es de conocimiento público, ya que nuestras gestiones al respecto se hicieron públicas por intermedio de nuestro Boletín Semanal de noticias, recurrimos hace muchos meses a los clubes que no poseen sus instalaciones en condiciones, dándoles un tiempo prudencial para expedirse. Hasta la fecha, desconocemos la contestación a nuestras cartas. Olvidando el desprecio de que fuimos objeto por parte de los clubes, solicitamos también por carta, a la Asoc. Uruguay de

---

<sup>96</sup>*El País*, p. 9, Montevideú, 15/10/1948.

Futbol, que hiciera cumplir a los clubes nuestro petitorio y sus propios Estatutos, ya que éstos determinan claramente las condiciones que deben estar los campos de juego y vestuarios de un club para militar en la 1ra Divisional “A”. La contestación de la Liga llegó – y llegó a los 3 meses y 12 días - , para decirnos que: “No tomaría ninguna medida en aquel sentido, por entender que son los clubes y no la Asociación, los que deben subsanar las pésimas condiciones de sus vestuarios y campos de juego”. No insistimos ante la Liga, ¿Para qué? Pero a nosotros como a toda la afición que se enteraba del asunto, se nos ocurría la siguiente pregunta: ¿Si la Asociación no puede obligar a los clubes a proceder de la manera solicitada, para qué establecer en su Estatuto las medidas, condiciones y características que deben poseer los vestuarios y fields? [...] No obstante lo expuesto, recurrimos a la Com. N. de E. Física, para que ésta, como facultad superior en el país, para todo lo que relacione con el deporte (esto de acuerdo con lo que establece su Ley de Creación) impusiera a la Liga y a los clubes la obligación de atender nuestras demandas. Su gestión se concretó a solicitar a la Liga, se prestara mayor atención a nuestros pedidos, en vez de imponerle la obligación de cumplirlos. La Liga le contestó a la C.N de E. Física, que los problemas los planteara directamente sin necesidad de hacerlo por intermedio de la Mutual y dicha Comisión, no se atrevió a imponer su máxima autoridad, quedando desairada ante toda la afición del país, como quedó desairada nuestra entidad.<sup>97</sup>

A MUTUAL era mantida por um fundo criado pelos próprios jogadores e sobrevivía de contribuições de seus associados. Não encontrei nas fontes e na escassa bibliografia existente sobre a entidade, números como a quantidade de sócios e valores pagos, porém mais de 500 atletas estavam presentes na Assembleia Geral que deliberou a greve. Um número muito elevado, tendo em vista que o Campeonato Uruguaio da primeira divisão em 1948 era formado por dez clubes apenas, o que sugere uma grande mobilização e representatividade. Jogadores dos principais clubes, que tinham salários mais elevados, bem como ex-jogadores, podiam ser sócios em uma categoria denominada *Socios Protectores*, onde doavam quantias “espontâneas”. Entretanto, a ampla maioria dos atletas ganhava salários baixos e tinham que complementar a renda com outras atividades além do futebol. Com isso, uma lesão – algo corriqueiro para um atleta profissional – poderia significar um grande prejuízo nas finanças do futebolista.

---

<sup>97</sup> *El País*, Montevideu p. 10. 13/10/1948

Nesse sentido, a MUTUAL tinha uma comissão responsável por ajudar financeiramente aos jogadores lesionados (associados ou não), até a sua recuperação. Além disso, estava no horizonte da entidade a criação de um “Regimento Interno de Seguros por Acidentes”, cujo o alcance podia ser estendido até mesmo para os familiares.

De las escasas posibilidades de las arcas de la M.U.F.P, ha sido muy amplia en todo sentido, ya que aparte de la ayuda monetaria, en forma de subsidio, prestada a afiliados o no, se ha tratado se trata y se tratará en el futuro, no sólo de aliviar su situación económica, sino, y esto es lo más importante, de llevar siempre la voz de aliento de nuestra entidad a futbolistas que por diversas y desgraciadas lesiones, se han visto alejados de los fields, por cuenta de la práctica del fútbol.<sup>98</sup>

Agora que sabemos como funcionava e como surgiu a entidade que representava os jogadores profissionais uruguaios, vamos tratar da greve que esses jogadores organizados levaram a cabo no ano de 1948.

---

<sup>98</sup> *El País*, Montevideu p. 10. 13/10/1948

### 2.3 Chuteiras Penduradas

Era noite do dia 14 de outubro de 1948 quando, pontualmente às 20h, mais de quinhentos atletas profissionais de futebol filiados a MUTUAL se reuniram no prédio da *Asociación Española* localizado na rua Paraguay, centro da cidade de Montevideu, para uma assembleia extraordinária. A pontualidade era justificada pela importância do encontro que seria realizado. Após dois frustrados anos de tentativas de negociações, com os dirigentes dos clubes e da *Asociación Uruguaya de Fútbol*, a possibilidade de paralização das atividades futebolísticas era real e iminente. Os jogadores presentes, acostumados a se digladiarem pela *pelota* branca dentro das quatro linhas estavam ali reunidos para discutir e construir seus interesses comuns.

O primeiro a tomar a palavra foi o presidente da MUTUAL e zagueiro do Defensor Sporting, Enrique Castro. O mesmo relatou aos seus colegas o histórico de tentativas de negociação da entidade junto aos dirigentes, que deram de ombros para as “inúmeras” propostas sugeridas pelos atletas e que não via mais alternativas se não a greve e que a mesma teria que ser deliberada imediatamente. A fala seguinte, do zagueiro *carbonero* Lorenzo Piño acompanhou a opinião de Castro. O jogador do Peñarol acrescentou que os jogadores são, acima de tudo, profissionais e que muitos dos ali presentes eram “pais de família”, o que torna um projeto de reformulação do regime de contratações fundamental<sup>99</sup>.

O zagueiro do River Plate Joaquin Bernudez acompanhou a fala dos colegas dizendo que a paciência dos jogadores “*ha llegado al final*”. Depois, ele externou uma preocupação com um elemento decisivo: a opinião pública. “el único camino de hacer valer nuestros derechos es ir a la huelga haciendo conocer a la afición deportiva de todo el país las motivaciones que han llevado a esta posición”<sup>100</sup>. Quando o meio-campista do Montevideo Wanderers, Homero Blanco tentou propor – mesmo sendo favorável a greve – que a MUTUAL enviasse aos clubes e a AUF um “ultimato” com prazo de 15 dias para a criação de um Conselho Paritário (jogadores, dirigentes e governo) para analisar o projeto proposto pelos atletas, murmúrios contrários foram escutados. Os jogadores não desejavam novos prazos. A greve era vista pela unanimidade como a única alternativa de mudança da situação laboral que viviam.

---

<sup>99</sup>*El País*. Montevideu. 15/10/1948. p. 10

<sup>100</sup>Idem, *Ibidem*.

No dia seguinte, nas bancas de jornal, um dos principais periódicos do Uruguai, o jornal *El País* trazia em sua capa o título: “*En vibrante asamblea quinientos jugadores decretaron a noche la huelga en el fútbol*”<sup>101</sup>. Abaixo, é estampada uma foto da assembleia lotada. A capa de um jornal apresentava todos os seus esforços e recursos para a propaganda da mercadoria, para a atração do público<sup>102</sup>. O fato de paralisação do futebol ser noticiado na capa foi significativo da importância atribuída.

As páginas de esporte traziam as deliberações da assembleia. Além do cessar das atividades dos jogadores da Primeira Divisional A, foi deliberado a criação de um comitê para a arrecadação de fundos para “*contemplar todas las situaciones que pudieran originarse, principalmente el factor económico por los problemas a que pudieran verse abocados aquellos jugadores que hanhecho del fútbol su único medio de vida*”<sup>103</sup>. Tal comitê, na mesma noite, deliberou como estratégias para a obtenção de recursos a rifa de um automóvel, bem como a realização de partidas amistosas, sendo a primeira uma partida entre os jogadores de Peñarol e Nacional.<sup>104</sup> Um clássico “grevista” certamente arrecadaria fundos significativos para a MUTUAL. Outra deliberação foi o envio de representantes da entidade para encontrar com jogadores da Divisional B e do Futebol do Interior para apoiar e aderir a greve.

É certamente significativo o fato de a greve ter sido deliberada por uma assembleia unânime, como bem frisou a matéria publicada. Estavam de acordo sobre a necessidade da greve de jogadores consagrados e que ganhavam altos salários, como o capitão da seleção uruguaia e ídolo do Peñarol Obdúlio Varela, ou o maior goleador da história do campeonato uruguaio, o lendário, Atilio García, do Nacional<sup>105</sup>, como também jogadores de times pequenos e de bairro que ganhavam salários insuficientes até mesmo para o próprio sustento.

O regime de contrato obsoleto e a falta de reconhecimentos trabalhistas afetava todos os jogadores, porém é evidente que os jogadores com salários menores estavam mais vulneráveis. O apoio de jogadores consagrados e com grande apelo popular foi

---

<sup>101</sup>*El País*. Montevideu. 15/10/1948. p. 1

<sup>102</sup>CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo. Ed Contexto. 1994. p. 18.

<sup>103</sup>*El País*. Montevideu. 15/10/1948. p. 10

<sup>104</sup>Idem, *Ibidem*.

<sup>105</sup>Vindo como grande estrela do Boca Juniors, ganhava cerca de 700 pesos por mês o que era considerado um salário elevado para época. Infelizmente eu não encontrei alguma maneira de calcular esse valor para os dias atuais. REYES, Andrés. *Historia del Club Nacional de Football*. Montevideu: Aguilar, 2010. p. 184.

fundamental para que a greve fosse concretizada. O que levou um jogador consagrado como García a concordar e participar de um movimento grevista já que ocupa um lugar privilegiado em sua profissão? Tal questionamento seguramente merece uma maior atenção para trabalhos futuros.

A reação dos dirigentes a declaração de greve por parte dos jogadores foi rápida. Um dia depois, os delegados dos dez clubes da primeira divisão se reuniram para discutir sobre a situação do futebol local na sede da AUF, com a presença do presidente da entidade, César Batlle Pacheco, filho de José Batlle y Ordóñez, membro do Partido Colorado e rival político de seu primo e Presidente da República, Luis Batlle Berres.

Em um primeiro momento, a reunião era para definir se a rodada seguinte (nº 11) seria mantida ou não, mostrando que a *la Junta Directiva* não reconhecia a greve pois a mesma não passava de apenas especulação (já que a MUTUAL não comunicou oficialmente os dirigentes)<sup>106</sup>. Porém, essa reunião indicou algumas visões dos dirigentes a respeito da greve. Na pequena bibliografia existente a respeito da greve, é muito difundida a versão de que, de maneira homogênea, os dirigentes do futebol uruguaio, bem como a imprensa eram contrários a todas as reivindicações dos jogadores<sup>107</sup>. Certamente, a classe dirigente declarou-se contrária à greve, entretanto as opiniões dos representantes dos clubes presentes na reunião mostraram-se plurais.

O primeiro dirigente que se pronunciou foi o delegado do Club Nacional, Francisco del Campo. Mostrou uma posição mais aberta ao diálogo com a MUTUAL e de fato deu a entender que julga justas algumas das reivindicações.

Dijo que reconoce que en buena parte de las aspiraciones presentadas por los players, les asistía razón a éstos, pero no era posible bajo la presión de la declaración de huelga, entrar directamente a tratar el problema con la entidad gremial. Por eso es partidario de suspender la fecha, para tratar de encontrar soluciones en un clima de perfecta calma [...] Cree, repite, que la suspensión de la fecha favorecería soluciones. Claro está que sin perder un ápice sus condiciones de dirigentes, que tienen la responsabilidad de la marcha normal del fútbol<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> *El País*. Montevidéo. 15/10/1948. p. 8

<sup>107</sup> OLASCUAGA, Luis González. *La Historia Prohibida del Fútbol Uruguayo*. Montevidéo: [sem editora], 2002.

<sup>108</sup> *El País*. Montevidéo. 15/10/1948. p. 9

Del Campo defendeu a utilização de uma estratégia recorrente da classe patronal em momentos de greve dos trabalhadores onde só há negociação possível com o fim da greve.

O delegado do Danúbio Fútbol Club, Alfredo de Gregório, declarou-se favorável a criação de um conselho tripartido – proposto pelos jogadores – com o objetivo de encontrar uma melhor solução para o conflito considerado por ele “injusto” e prontamente se ofereceu como um dos *neutrales* que participariam das negociações. Deixou claro que para ele as decisões devem ser tomadas em última instância pelos dirigentes. Chama atenção o preconceito de classe nas palavras de Gregório que acreditava que os jogadores eram incapacitados de organizarem e redigirem suas ações.

Sin perder su carácter de dirigente y sin menoscabo de su integridad moral, no tiene empacho en dar la razón al que la tenga. Los términos de las declaraciones de los jugadores, no es posible tomarlos al pie de la letra, pues la cultura de muchos ellos les impide expresarse con palabras exactas. La Junta debe mantener su autoridad en todo momento pero entiende que la mediación de los neutrales puede ser eficaz<sup>109</sup>.

O Peñarol, clube mais popular do país, foi o clube que assumiu a postura mais conservadora e enérgica contra os jogadores. Através de seu delegado Julio Canassa o clube foi contrário a qualquer tentativa de negociação com os jogadores grevistas, bem como defendeu que a rodada deveria ser mantida. Com um tom autoritário, Canassa defendia que “Se es dirigente o se es dirigido<sup>110</sup>”, acreditando que os jogadores não podem ser sujeitos ativos no processo de construção de um novo regime de contrato ou de qualquer outra atribuição no meio futebolístico que não seja a de jogar futebol. Essa posição ficou consagrada por alguns autores que citam a greve como a posição de todos os delegados o que – apesar de ser uma postura de boa parte dos dirigentes – não é verdade. A fala do delegado do Club Atlético Cerro é um indicativo disso.

Las glorias del fútbol uruguayo las escribieron los players en las canchas. No se cubrió de gloria – dice – nuestro deporte popular porque el Dr. De Gregorio sea vicepresidente de la Junta. Es necesario ir a una reforma integral del régimen vigente porque los cimientos del edificio futbolístico se resquebrajan. Dijo luego que las reiteradas notas que la Mutual había enviado a la Junta no habían tenido

---

<sup>109</sup>*El País*. Montevideú. 15/10/1948. p. 9

<sup>110</sup>Idem, *Ibidem*.

andamio y la despreocupación de ésta por el problema había traído esta situación<sup>111</sup>.

Defendendo uma reformulação total da situação contratual do futebol uruguaio, o dirigente do Cerro mostrou uma posição muito mais aberta a negociações, afastando-se da ideia de que todos os dirigentes eram intransigentes para com as reivindicações da MUTUAL. As opiniões da classe dirigente não eram homogêneas como supõe a bibliografia encontrada, assim como a imprensa também abordou a greve de maneira distinta como abordaremos no decorrer do texto. Entretanto, certamente as duas grandes equipes do futebol uruguaio, pelo seu poderio econômico e apelo popular, exerciam uma força política muito grande sobre as outras agremiações. Ao analisar a decisão da Junta a respeito da realização ou não dos jogos, verificamos um acordo entre as propostas de Nacional e Peñarol:

Se votó por unanimidad la fijación oficial de partidos. Luego se firmó el compromiso siguiente que suscribieron todos los delegados:

“Los abajo firmados, representantes de los diez clubes de Primera División nos comprometemos a anular los partidos que se hayan perdido jugar en la fecha próxima a dilucidarse el sábado 16 y domingo 17 del corriente, si cualquiera de las instituciones no hubiera podido constituir sus equipos de primera y reserva con los jugadores titulares y suplentes designados.

Los clubes enviarán a la Junta Dirigente de la Asociación Uruguaya de Football, la nómina de los jugadores designados para intervenir en dichos encuentros”.

Montevideo, 15 de octubre de 1948<sup>112</sup>.

O jornal *El País*, na figura de Davy – Dionísio Alejandro Vera – um dos primeiros colunistas esportivos opinativos do Uruguai<sup>113</sup>, criticou duramente a postura da classe dirigente, principalmente a posição do Peñarol, que segundo ele só aprofundou a crise e em nada contribuía para o fim do conflito. Como aponta Andrés Morales, o time *carbonero* desde 1914 tinha tido apenas presidentes filiados ao Partido Colorado e seu presidente durante a greve, Constante Turturiello, era um importante membro da lista 15, comandada pelo presidente da república Luis Batlle Berres<sup>114</sup>. O jornal *El País*, historicamente ligado ao Partido Nacional, teria motivos para atacar os dirigentes do clube, colocando-se ao lado dos atletas.

---

<sup>111</sup>Idem, Ibidem.

<sup>112</sup>Idem, Ibidem.

<sup>113</sup>MORALES, Franklin. *Fútbol y Literatura*. Montevideú. Capítulos Orientales nº42. [s/d]. p. 669.

<sup>114</sup>MORALES, Andrés. Fútbol, Política y Sociedad. p. 12. Disponível em: <http://www.uruguayeduca.edu.uy/Userfiles/P0001%5CFile%5CFUTBOL.POL.%C3%8DTICA%20Y%20SOCIEDAD.pdf> acesso em 10 nov2015

El ejemplo de cordura partió nuevamente del lado de la Mutual. [...], nuevamente la Junta ha equivocado el camino en un momento que debía guardar la serenidad. Este era el momento, precisamente, para encarar valientemente la situación. El de presentar las cartas sobre la mesa, llamar los jugadores e iniciar una serie de conferencias amistosas. Buscar la solución rápida del asunto, no volverlo más complejo e insoluble. Sabe bien el dirigente que así cumplirá su deber y le hará bien al fútbol, y sabe también perfectamente que de ese modo no se llegará a nada. Más aún, la decisión de jugar los partidos – con las salvedades que se leerán en la crónica respectiva – significa otro paso en falso de los dirigentes. Los profesionales no irán a las canchas y tendremos una fecha en blanco. [...] Se habría ganado tiempo, se habría mostrado buena disposición y además el dirigente había ganado puntos ante la opinión pública con una posición de concordia, concordia por lo menos, para bien de los intereses del deporte<sup>115</sup>.

A opinião pública mais uma vez é levantada aqui e certamente era uma preocupação de todas as partes envolvidas. O sociólogo Rafael Bayce no documentário *Maracaná* afirmou, em um breve trecho que trata da greve, que “*los jugadores eran intocables frente a la opinión pública entonces el gobierno y los dirigentes no sabían cómo enfrentar a dioses que se sindicalizaban en una situación complicada*”<sup>116</sup>. Nesse sentido, certamente a imprensa, como é recorrente em momentos de greves e manifestações, desempenhou um papel importante. Quando em 1951, ainda sob o governo de Batlle Berres, funcionários da ANCAP<sup>117</sup> deflagraram uma grande greve e foram duramente criticados pela imprensa de todas as correntes políticas (com exceção da imprensa sindical e de partidos de esquerda). Tanto jornais governistas como o já citado *El Día* e opositores como *El País* atacaram os grevistas, culpando-os pela crise de abastecimento que a greve estava causando e moldando a opinião pública de maneira que a grande maioria da população ficasse contra as reivindicações dos funcionários. Essa situação é recorrente nos dias atuais. Quando as mais diversas categorias entram em greve, opondo-se a governos (por exemplo professores) ou a empresários (por exemplo funcionários do transporte coletivo) a grande mídia ligada a esses grupos usa a tática de destacar os chamados “prejuízos à população” para que a opinião pública se volte contra os grevistas. Porém, a greve dos jogadores de 1948 apresentava um elemento novo: a idolatria. Os jogadores de futebol eram extremamente

---

<sup>115</sup>*El País*. Montevideu. 16/10/1948. p. 8

<sup>116</sup>Maracaná. Direção: Sebastián Bednarik; Andrés Varela. Produção: Coral Cine. Montevideu, doc, 75 min. 2014.

<sup>117</sup>Fundada em 1931 durante o governo de Gabriel Terra, a Administración Nacional de Combustibles, Alcohol y Portland (ANCAP) é uma empresa pública que explora e administra combustíveis no Uruguai.

populares, principalmente nos setores mais pobres da população e eram a principal peça de algo muito popular como o futebol. Acredito que esse é o motivo de reiteradamente nas fontes, os dirigentes mostrem preocupação com a opinião pública e que posições extremadas e intransigentes como a do dirigente do Peñarol eram vistas com preocupação.

O governo de Batlle Berres recebeu com preocupação a greve dos atletas profissionais. O *Ministerio de Industria y Trabajo*, na figura de seu chefe, o membro do Partido Colorado Alberto Fermín Zubiría tratou de rapidamente enviar o subsecretário do ministério para iniciar a mediação das negociações entre MUTUAL e *Junta Directiva* para a criação de um Conselho Paritário<sup>118</sup>. A intervenção do ministério era uma reivindicação constante dos jogadores e um dos primeiros efeitos da declaração de greve. A preocupação do Executivo não se limitou ao estratégico Ministério do Trabalho, o próprio Presidente Luis Batlle Berres se ofereceu como mediador do conflito, como uma forma de demonstrar força de seu ainda inicial governo além de a possibilidade de confrontação com seu primo, adversário político e Presidente da AUF César Batlle Pacheco.

No dia 23 de outubro, Batlle Berres se reuniu com uma delegação de representantes da MUTUAL, entre eles o presidente da entidade Enrique Castro, o goleiro da seleção e do Peñarol Roque Máspoli, bem como Schiaffino e Obdúlio Varela. Estava presente também um “*destacado dirigente del fútbol*”<sup>119</sup> cujo o nome não é revelado pela reportagem publicada no *El País*. Seguindo a orientação do seu plano de governo, Batlle Berres adotou uma tática de conciliação, com um discurso breve e ponderado, reconhecendo a legitimidade dos reclamos dos atletas, porém pedindo-lhes que repensem a necessidade da greve. Defendeu também a criação, o quanto antes, do Conselho Paritário para o estudo e negociação da proposta elaborada pelos jogadores, além de comentar o regime de contratos.

El deseo del Presidente es que delegados de las tres partes se reúnen, estudian los puntos capitales del memorándum – los más necesarios para el jugador – se aprueban y de inmediato se levanta la huelga, llamándose al efecto a asamblea. Mientras sigue el Campeonato, prosigue el estudio del asunto y dentro del determinado plazo se termine el estudio del documento de la Mutual. [...] Presidente expresó en forma categórica que él creía que el jugador con

---

<sup>118</sup>*El País*. Montevideú. 19/10/1948. p. 10

<sup>119</sup>*El País*. Montevideú. 24/10/1948. p. 8

contrato tenía que cumplir con sus compromisos, pero que el jugador que no tenía contrato tenía que quedar libre sin más trámites<sup>120</sup>.

A posição dos jogadores foi firme. Enrique Castro e Obdúlio Varela agradeceram a disponibilidade do Presidente em ouvir a MUTUAL porém garantiram que não iriam ceder e somente terminariam a greve quando suas reivindicações fossem atendidas<sup>121</sup>.

A decisão da Junta Diretiva de realizar os jogos programados mesmo com a paralisação dos atletas mostrou-se um desastre. De forma melancólica nenhum atleta e nenhum torcedor compareceu aos encontros e a imagem dos árbitros fardados e sozinhos dentro do gramado, fato que fez a Associação dos Árbitros decidir por paralisar suas atividades até o conflito ser solucionado<sup>122</sup>, foi duramente ironizada e criticada pelo jornal que possivelmente, aproveitando a alta popularidade dos atletas, criticava os dirigentes por se mostrarem intransigentes e as tentativas de negociações partirem apenas da MUTUAL.

La Junta no reconoce a la Mutual, no recibe el Poder Ejecutivo. La Junta fija los partidos y no van los jugadores ni una sola persona se hace presente en las canchas [...] En instantes delicados para el fútbol cuando todos quieren mediar, aún no se oye la voz serena del dirigente que diga “presente” en un acto tendiente a dar el primer paso por la feliz solución. ¿Y los clubes? ¿Y los socios? ¿Y la pasión de los aficionados? ¿Y lanecesidad de fútbol? ¿Y el clamor popular?<sup>123</sup>

O não reconhecimento, por parte dos dirigentes dos clubes, da MUTUAL como representativa dos jogadores profissionais estava impedindo a criação do Conselho. Era o ano de 1948, apenas três anos depois dos Estados Unidos lançarem duas bombas atômicas em território japonês decretando o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da chamada Guerra Fria, designação dada ao período de conflitos das mais diferentes ordens (econômicos, tecnológico, político, cultural) entre as duas grandes potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética<sup>124</sup>. O Uruguai, assim como toda a América

---

<sup>120</sup>*El País*. Montevideú. 24/10/1948. p. 8

<sup>121</sup>Idem, Ibdem.

<sup>122</sup>*El País*. Montevideú. 22/10/1948. p. 9

<sup>123</sup>*El País*. Montevideú. 24/10/1948. p. 9

<sup>124</sup>HOBSBAWM, ERIC. Op.Cit. p. 224

Latina eram considerados uma grande área de influência dos Estados Unidos, e o anticomunismo era crescente no país. Os dirigentes dos clubes passaram a acusar militantes universitários de esquerda de estarem dando suporte para a MUTUAL acusando-a de “bolchevismo”<sup>125</sup>. O jornal *El País*, declaradamente anticomunista mostra preocupação com a persistente recusa dos dirigentes em iniciar negociações com os jogadores, talvez com receio de uma radicalização da crise futebolística.

El miedo al bolchevismo de la Mutual no debe servir de justificación a que el estado de huelga se prolongue. Hablar con ella es decir, hablar con los jugadores no significa que se acepten de plano sus reivindicaciones. [...] El miedo al bolchevismo mutualista debería resolverse como se propía resolver el miedo al comunismo en política: mejorando el standard de vida, otorgando las tres libertades, sin resabios y generosamente, porque los jugadores y los dirigentes son, al fin y al cabo, hijos de Dios en afinidad de afición, de simpatías, de aspiraciones, de derechos ante sus clubs<sup>126</sup>.

Em suas reuniões semanais, a Junta Diretiva continuava a não reconhecer a MUTUAL como entidade legal e, portanto, não iniciava as negociações.

No es de nuestra facultad legal discutir la existencia de ningún organismo, cuya personería haya sido reconocida por el Poder Público, pero si, tenemos el derecho precisamente en uso de una personería otorgada por el mismo Poder, de mantener o no relaciones con quienes nos plazca, y en el caso particular que nos ocupa le significamos que no queremos ningún trato con la Mutual por razones que son estrictamente de nuestros fueros privados<sup>127</sup>.

A resposta da MUTUAL era uma demonstração de conhecimento das leis trabalhistas e do direito sindical vigente no Uruguai que a entidade considerava estar amparada.

En manera alguna se trata de que la Asociación o los Clubes, reconozcan o no a la Mutual. Con su reconocimiento o sin su reconocimiento, la Mutual es, y continuará siendo, una persona jurídica con derechos y obligaciones. Lo que hemos sostenido siempre, es que nuestra Entidad, quiéralo o no la Junta y la

---

<sup>125</sup> *El País*. Montevidéo. 31/10/1948. p. 13

<sup>126</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>127</sup> *El País*. Montevidéo. 11/11/1948. p. 12

Asociación, en el cumplimiento de los fines para que fué creada, no sólo tiene el derecho sino que tiene el deber de actuar.<sup>128</sup>

O Presidente da AUF, César Batlle Pacheco era o principal defensor dentro da classe dirigente de que era necessário iniciar as negociações com a MUTUAL, já que a mesma tinha grande adesão dos jogadores e reconhecimento por parte do estado como entidade representativa e que estava agindo frente ao conflito, diferentemente dos dirigentes. Manter a posição de não negociação era para ele um erro de estratégia.<sup>129</sup> Finalmente no dia 26 de novembro, mais de um mês após o início do conflito, os dirigentes dos dez clubes redigiram uma nota que iniciaram negociações com os jogadores onde apontam “*posibles reformas*”<sup>130</sup> com base na proposta da MUTUAL. Considerando a greve como “*impaciências subversivas*”<sup>131</sup>, os dirigentes pela primeira vez admitiram a necessidade de reformulação dos Estatutos e Regulamentos da AUF. Cinco pontos de reformulação foram propostos pela Junta que exigia o fim imediato da greve.

- 1) – Abolición del Artículo 186 de los Reglamentos – vele decir: el establecimiento de pase libre para los jugadores afiliados a los clubes de cualquier División, que no hubieran actuado en la temporada.
- 2) – Libre contratación para los jugadores que represen al país después de haber actuado en clubes extranjeros.
- 3) – Limitación de los contratos en un máximo de veinticinco por club.
- 4) – Eliminación del Sistema de pases en prestamo.<sup>132</sup>

Certamente o sucesso da greve dos atletas foi fundamental para que os dirigentes iniciassem as negociações. Durante um mês de conflito, os jogadores filiados na MUTUAL realizaram incursões pelo interior do país – Rivera, Trienta y Tres, Canelones, Tacuarembó – organizando partidas amistosas com grande número de entradas vendidas. Além disso houve a realização de dois encontros entre jogadores do Nacional e Peñarol. O dinheiro adquirido com essas partidas, bem como a realização de jantares e rifas possibilitou que os atletas, – que tiveram seus salários congelados – principalmente os jogadores dos menores clubes, se mantivessem financeiramente não cedendo a pressões da Junta em voltar as atividades. Infelizmente não encontrei nas

---

<sup>128</sup>*El País*. Montevideú. 13/11/1948. p. 13

<sup>129</sup>*El País*. Montevideú. 15/11/1948. p. 12

<sup>130</sup>*El País*. Montevideú. 27/11/1948. p. 13

<sup>131</sup>Idem, Ibdem.

<sup>132</sup>Idem, Ibdem.

fontes consultadas, devido a uma grande lacuna existente nas fontes durante o mês de novembro, uma resposta da MUTUAL a respeito das quatro propostas sugeridas pela Junta. Porém, podemos atestar que a greve prosseguiu e que em dezembro houve início efetivo de negociações apesar de nunca ter se constituído um Conselho Paritário, solicitação inicial dos atletas.

Em novembro o clima de conflito no futebol atingiu também a outra margem do Rio da Prata. Com reivindicações muito semelhantes aos atletas uruguaios os jogadores dos clubes da *Primera Divisional del Fútbol Argentino*, competição organizada pela *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA) também paralisaram o futebol local. Os profissionais reunidos na *Futbolistas Argentinos Agremiados* (FFA) declararam greve no dia 10 de novembro de 1948 e rapidamente a MUTUAL emitiu uma nota de apoio aos jogadores argentinos<sup>133</sup>.

O futebol argentino era considerado nos anos de 1940 o melhor do mundo. Comandada principalmente por Alfredo Di Stéfano, *La Saeta Rubla*, grande jogador do River Plate de Buenos Aires, a seleção argentina foi campeã com sobras do Campeonato Sul-Americano de 1947 realizado no Equador. Era considerada pela crítica esportiva a mais forte candidata a vencer o próximo Campeonato Sul-Americano de 1949 bem como o Campeonato Mundial que seria realizado em 1950 ambos no Brasil<sup>134</sup>. Entretanto com a ocorrência da greve e a saída em massa dos principais jogadores do país, a seleção argentina não participou de nenhuma das competições.

Em dezembro de 1948 a MUTUAL organizou na cidade de Colônia uma partida amistosa contra um combinado dos jogadores em greve da FFA, com o objetivo de arrecadação de fundos para as duas entidades.<sup>135</sup> O jogo que reuniria Obdúlio Varela, Schiaffino, Aníbal Paz, Di Stéfano, Felix Loustau e “Tucho” Méndez era tratado pelo *El País* como “*el mejor fútbol del mundo*”<sup>136</sup> e tal cotejo certamente atrairia uma grande quantidade de torcedores. O que se confirmou no dia 5 de dezembro, quando 6 mil pessoas (capacidade máxima do estádio) lotaram o estádio Juan Lacaze em Colônia e viram o combinado argentino vencer o uruguaio por 2 tantos a 1<sup>137</sup>. Mais um dos êxitos

---

<sup>133</sup>*El País*. Montevideu. 13/11/1948. p. 13

<sup>134</sup>FABBRI, Alejandro. *El Nacimiento de una Pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires. Capital Intelectual, 2011. p. 196.

<sup>135</sup>*El País*, Montevideu. 3/12/1948. p. 12

<sup>136</sup>Idem, Ibdem.

<sup>137</sup>*El País*. Montevideu. 6/12/1948. p. 13

da MUTUAL, o que certamente pressionava a Junta Dirigente a formular propostas efetivas afim de resolver o quanto antes o conflito que se arrastava por mais de dois meses. Até mesmo o profissionalismo do futebol estava sendo questionado e a volta do amadorismo era uma possibilidade real.

Os representantes dos clubes reuniram-se no dia 7 de dezembro para mais uma vez tratar do tema. O presidente da AUF tratou de convidar para a sede da entidade os representantes da MUTUAL, Enrique Castro, Rozas Riolfo, Aníbal Paz, Joaquin Bermudéz e Lorenzo Piño para comunicar as decisões e propostas dos dirigentes. O campeonato de 1948 foi declarado suspenso até o ano de 1949 e sem campeão, prejudicando a equipe do Nacional, que liderava o certame de forma invicta e com uma boa margem de pontos ao Peñarol.

Batlle Pacheco tratou de explicar aos atletas um ponto que já havia sido proposto pela Junta e que não foi bem recebido pela MUTUAL. Segundo o mandatário da AUF, houve um problema de interpretação e o objetivo agora era “*aclarar conceptos no claros*”.

En la parte que dice que el jugador quedará libre si no actuara en la temporada, no satisfacía a los jugadores porque – con razón suponían éstos – que con jugar un match, ya quedarían enganchados por el año. No es así, sin embargo. Ese no es el espíritu. Por actuación se entendería que el jugador integrara en forma regular los equipos. Esto será legislado perfectamente sin que quepan torcidas interpretaciones. Se les dará también a los jugadores seguridad absoluta, siempre ateniéndonos a la versión recogida, sobre la forma liberal en que serán tratados los pases y la libertad de cada player al finalizar el contrato en vigencia<sup>138</sup>.

Essa proposta acabaria com a tática dos dirigentes de manter um jogador fixado em seu plantel, porém parado e sem atuar, para forçar uma renovação já que uma vez fixado ele estaria impossibilitado de atuar por outra equipe durante o ano vigente. Outra exigência da MUTUAL aceita pela Junta foi a liberdade de passe para jogadores que haviam atuado no exterior e voltaram ao Uruguai.

Por fim, a Junta propôs a realização de um *Torneo Nocturno* como forma de resolver o impasse com relação a vigência ou não dos contratos durante a greve. Os dirigentes não queriam reconhecer a vigência até o reinício das atividades do futebol profissional, ou seja, somente no ano de 1949. Os jogadores exigiam, baseados no

---

<sup>138</sup> *El País*. Montevideú. 7/12/1948. p. 12

direito a greve, que a vigência dos contratos fosse cumprida e com elas os pagamentos dos salários. O Torneio proposto pela Junta seria uma forma de retomar as atividades e transferir 80% dos lucros com as vendas de entradas para os jogadores<sup>139</sup>. Os representantes dos atletas afirmaram ao Presidente da AUF que levariam tais propostas para uma Assembleia da MUTUAL e que as analisariam.

A assembleia da entidade aconteceu dia 13 de dezembro de 1948. Os representantes que estiveram presentes com Batlle Pacheco apresentaram as propostas dos dirigentes e abriram um espaço para opiniões. Aníbal Paz, consagrado goleiro do Nacional e certamente um dos jogadores com maior estabilidade financeira foi o primeiro a tomar a palavra. Paz defendeu que a greve já tinha chegado a um ponto de radicalização profundo e que era o momento de “*esperar y confiar en que los dirigentes cumplirían con las promesas*<sup>140</sup>” e acabar com a greve.

Após a fala do goleiro tricolor, foi a vez do jogador do Defensor Sporting, clube de expressão bem menor, Jorge Vazquez expor sua opinião. Segundo Vazquez, a greve era uma necessidade e uma questão de dignidade. Em sua opinião os jogadores tinham motivos suficientes para não confiar nos dirigentes e que as concessões oferecidas por eles eram quase nulas e que portanto a greve tinha que continuar. A assembleia tinha duas proposições: continuar ou não com a greve. A votação foi realizada e a proposta de Aníbal Paz recebeu apenas 14 votos e a proposta de Vazquez recebeu 95, sendo mantida a greve<sup>141</sup>.

O fato de o fim da greve ter sido defendida por um jogador do gigante Nacional e da Seleção Uruguiaia a meu ver deve ser problematizado. Os jogadores de Nacional e Peñarol ocupavam lugar de destaque no cenário futebolístico sul-americano além de receberem salários elevados e regimes de contratos mais estáveis. Manter-se em greve significava não jogar em alto rendimento e podia significar a não participação no Sul-Americano de 1949 e na Copa do Mundo de 1950. Para os jogadores dos outros clubes a greve significava uma conjuntura única e decisiva para conquistas de direitos em um trabalho precarizado.

Antes de encerrar a assembleia, o Presidente da MUTUAL, Enrique Castro fez um balanço financeiro da entidade no período de greve. A MUTUAL tinha arrecadado

---

<sup>139</sup> *El País*. Montevideú. 7/12/1948. p. 12

<sup>140</sup> *El País*. Montevideú. 14/12/1948. p. 12

até o dia a quantia de 6.000 pesos (um salário mínimo era de 72 pesos em 1945<sup>142</sup>) valor bastante significativo que permitiu um auxílio financeiro aos jogadores e seus familiares. Castro informou também que o município de Canelones (40 km de distância da capital Montevideu) disponibilizou para a MUTUAL seu estádio para a realização de partidas amistosas e treinamentos<sup>143</sup>.

Surpreendendo os prognósticos a greve dos jogadores perdurava e avançou no ano de 1949. A MUTUAL continuava promovendo eventos e jogos amistosos dentro do território uruguaio e até mesmo fora do país. Em Janeiro, participou na cidade argentina de Avellaneda, de um torneio que contava com a presença dos colegas argentinos em greve e de equipes do Chile e Paraguai.<sup>144</sup> Entretanto muitos atletas como o destacado Obdulio Varela – que voltou a trabalhar na construção civil – foram obrigados a trabalhar em outras funções, devido aos problemas financeiros que os largos meses sem futebol estavam causando foram obrigados a trabalhar em outras funções<sup>145</sup>.

O discurso do medo de que o selecionado uruguaio não tivesse condições de participar dos dois torneios programados para acontecer em território brasileiro e até mesmo da ruína do profissionalismo se tornava cada vez mais constante nas páginas do *El País*.

Mientras tanto el fútbol sigue sufriendo las terribles consecuencias del estado caótico en que se encuentra. Cinco largos meses de huelga han quebrantado las finanzas de los clubes han provocado la renuncia del Uruguay en el próximo Campeonato Sud Americano de Río y – entre otras cosas – han provocado lo peor, el retraimiento del aficionado por la cosa del fútbol.<sup>146</sup>

O conflito mostrava-se sem perspectivas de resolução e o jornal passou a atacar a falta de intervenção do poder público. Exigindo do Ministério do Trabalho e do Ministério de Instrucción que comandava a *Comisión Nacional de Educación Física* que no início do conflito os jogadores exigiam sua participação nas negociações. Participação que de fato até a data tinha sido mínima<sup>147</sup>.

A não participação do selecionado *Celeste* no torneio sul-americano era tida como certa, o que representaria uma grande queda de popularidade e prestígio de todas

---

<sup>142</sup>NOTARO, Jorge. *Los Salarios en Uruguay, 1930 -1950*. Montevideu. América Latina Historia Economica, ano 20 nº 2, 2013. p. 115.

<sup>143</sup>*El País*. Montevideu. 14/12/1948. p. 12

<sup>144</sup>*El País*. Montevideu. 12/1/1949. p. 12

<sup>145</sup>MORALES, Franklin. *Literatura y Fútbol*. Montevideu. Centro Editor de América Latina. Capitulo Oriental 42, s/d. p. 646.

<sup>146</sup>*El País*. Montevideu. 11/3/1949. p. 13

<sup>147</sup>Idem, Ibidem.

as partes envolvidas. Os jogadores filiados a MUTUAL declararam que desejavam participar do torneio, mas que para isso a greve tinha que acabar. Expuseram os motivos da provável ausência uruguaia do torneio que se aproximava em uma carta endereçada para os capitães das seleções participantes.

Montevideo, marzo 31 de 1949 – La Mutual Uruguay de Futbolers Profesionales, se considera obliga a llevar a vuestro conocimiento los motivos que la impulsan para no conceder a sus afiliados la autorización para intervenir en el Campeonato Sudamericano, que se realizará en Brasil. Fácil será comprender que no es por falta de amor y cariño a nuestra patria, no consideración a la gentil invitación de nuestros hermanos brasileños [...] No es posible aceptar que en un país en donde se le reconoce a todos sus habitantes la más amplia y absoluta libertad, de acuerdo con las normas constitucionales y legales en vigencia, exista un régimen de excepción con respecto a los jugadores de fútbol, para los cuales la libertad del trabajo, es un bello principio que no tiene aplicación práctica. [...] Por ello anhelamos que la magnanimidad de ese gran pueblo del norte sabrá disculpar nuestra ausencia haciéndose eco de la inquietud en que vivimos actualmente. Tenemos la ilusión que muy pronto y en forma decorosa para todos, se habrá solucionado este conflicto y entonces orgullosos de haber hecho del fútbol, otro baluarte democrático de la patria, cruzaremos nuestras armas con la hidalguía y caballerosidad que ha sido el patrimonio de todas as memorables luchas de este continente.<sup>148</sup>

O risco da participação do Uruguai no Sul-Americano foi fundamental para uma maior intervenção governamental na prolongada crise. Além da perda de popularidade, significava uma perda de prestígio perante os outros países do continente, o selecionado mais vitorioso da região, não participar do torneio por uma crise institucional.

No dia 4 de abril, AUF e a Junta de dirigentes se comprometeram em atender em sua totalidade os reclamos dos atletas, desde que a MUTUAL se comprometa em antes enviar um selecionado para participar do torneio sul-americano que iniciaria dia 11 de abril – é dizer, o Uruguai teria apenas uma semana para se preparar. Enquanto o torneio é realizado, o novo regime de contrato seria elaborado junto aos representantes da MUTUAL com a garantia da AUF e do Ministério do Trabalho de que as reivindicações dos atletas seriam contempladas<sup>149</sup>.

Em assembleia a MUTUAL aceitou as condições e elaborou as pressas um selecionado para participar da competição. Enquanto a *Celeste* estreava com vitória frente à seleção equatoriana no dia 13 de abril, em Montevideu a longa e valente greve iniciada em outubro de 1948 estava chegando ao fim com desfecho positivo para os

---

<sup>148</sup> *El País*. Montevideu. 1/4/1949. p. 11

<sup>149</sup> *El País*. Montevideu. 5/4/1949. p. 13

trabalhadores do futebol. No dia 27 de abril a Junta e a MUTUAL chegam a um acordo que pôs fim ao antigo regime de contratos e adotou um novo regime proposto pelos jogadores, sendo assim a greve terminada e vitoriosa para os jogadores. A MUTUAL ganha reconhecimento sindical (até os dias atuais é a entidade representativa dos atletas profissionais) por parte da Junta, além criação de um fundo para atletas lesionados e desempregados, instituição de um salário mínimo e, principalmente, um novo regime de contratações<sup>150</sup>.

O fim da greve significou uma vitória para os jogadores. Garantindo uma série de direitos para uma categoria de trabalhadores que estavam quase totalmente desamparados pelas leis trabalhistas vigentes no Uruguai. O governo de Luis Batlle Berres, que tinha na política de bem-estar social um dos seus pilares, certamente ficou preocupado com uma longa greve de jogadores de futebol, pois o esporte é um elemento identitário e social importante no país. Além da população ficar sem futebol durante sete meses, ela percebeu que boa parte de seus ídolos estão em situação precária de trabalho e apoiou a causa dos atletas. A classe dirigente se viu obrigada a negociar e teve prejuízos significativos durante a greve que representou um aprofundamento do profissionalismo do futebol uruguaio, principalmente por inaugurar um regime de contratações onde o jogador se transformou em um sujeito ativo no processo de contratação. Futebol esse que em 1950 (um ano após a greve) conquistou o seu mais emblemático campeonato, a Copa do Mundo diante de um Maracanã lotado.

---

<sup>150</sup>*El País*. Montevideu. 28/4/1949. p. 11

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que esta pesquisa tenha conseguido cumprir o seu objetivo de realizar uma breve análise da greve dos jogadores profissionais de futebol ocorrida no Uruguai nos anos de 1948 e 1949. O meu objetivo aqui foi analisar e problematizar as estratégias desses atletas para conquista de direitos ao reconhecerem-se como uma classe de trabalhadores que compartilham de interesses comuns. Sou totalmente contrário a tese de que o futebol é o “ópio do povo” e tentei demonstrar isso durante o texto. Acredito que futebol é um importante elemento social, cultural e político, um esporte que move verdadeiras multidões ao estádio, tem um enorme destaque na imprensa além de ser o gerador de milhares de empregos formais e informais. Portanto acredito que estudos que abarcam essa temática não são somente dignos de pesquisa acadêmica nas ciências humanas como os considero fundamentais. Também tentei demonstrar nesse texto como o futebol e a política estavam e estão intimamente ligados no Uruguai e isso certamente se aplica ao Brasil.

Acredito que infelizmente temas ligados ao Uruguai são pouco estudados nas universidades brasileiras, apesar de ser um país fronteiro com o Brasil e ter uma antiga história de relações internacionais. Nesse sentido, creio que esse trabalho pode contribuir para futuros trabalhos, pois se propõe, de maneira sucinta, apresentar um panorama do contexto político uruguaio nas primeiras décadas do século XX.

Ao longo do trabalho, me deparei com várias dificuldades que merecem ser expostas aqui. A primeira delas foi a pouca variedade de fontes. Pelo fato de as fontes serem de difícil acesso, não tive a possibilidade de ter a disposição uma gama maior de fonte primária, limitando-me apenas a páginas esportivas do jornal oposicionista *El País*. Ao decorrer da pesquisa descobri da existência de novas fontes que podem ser interessantes para trabalhos futuros, como por exemplo, o periódico governista *El Día*. Um trabalho comparativo da cobertura feita por esses dois jornais poderia resultar interessante. Não consegui encontrar nas fontes – apesar da acusação de bolchevismo – se algum partido ou sindicato de esquerda (comunista ou anarquista), esteve de alguma forma presente nessa greve. Buscar fontes periódicas na Argentina para o estudo da greve dos jogadores argentinos também é uma possibilidade. Avalio também que este

trabalho pode incentivar novas pesquisas sobre futebol e direitos trabalhistas. Exemplo: Quais foram os impactos, para os atletas, da profissionalização do futebol brasileiro?

Outra dificuldade para realização do trabalho foi a escassa bibliografia existente acerca da temática. Por exemplo, não encontrei nenhum estudo científico acerca o jornal *El País*, o que seguramente dificultou a compreensão e a análise da fonte, pois elementos como os posicionamentos políticos do jornal, seu público alvo e número tiragem, que seriam fundamentais para uma melhor problematização da fonte, não foram encontrados de maneira acadêmica. Além disso, pela distância geográfica considerável entre o Uruguai e Florianópolis, dificultou bastante o meu acesso a bibliografia.

Com as ponderações acima espero que este trabalho tenha contribuído, ainda que de maneira breve, para o debate acerca a greve dos jogadores de futebol profissional no Uruguai. O tema, como citado anteriormente, não possui uma vasta bibliografia e é uma forma interessante de análise da conjunto política e social do Uruguai durante os governos *batllistas* e *neobatllistas*.

## REFERÊNCIAS

CABELLA, Wanda. La evolución del divorcio en Uruguay (1950 - 1995). Montevideo. Programa de Población de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de la República. 2004.

CABRAL, José Pedro Cabrera. O pensamento de José Batlle y Ordóñez no Uruguai do Novecentos: componentes de sua ideologia. In: PAULA, Dilma Andrade de (org); MENDOÇA, Sonia Regina (org). Sociedade Civil: ensaios históricos Jundiaí. Paco Editorial. 2012.

CAETANO, Gerardo. *Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo*. Cuadernos del CLAEH. Montevideú, 1989.

CAMOU, María Magdalena. Salarios, *desigualdad y capital humano en Uruguay (1900 - 1960)*. Montevideo. IX Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales, UdelaR, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo. Ed Contexto. 1994.

DONGHI, Tulio Halperín. *Historia Contemporánea de América Latina*. Madrid. Alianza Editorial, 2005.

DUWE, Ricardo. O partido da ARENA na imprensa catarinenses: cultura política e poder no Jornal de Santa Catarina (1974 - 1979). Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Curso em História (UFSC), 2013.

FABBRI, Alejandro. *El Nacimiento de una Pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires. Capital Intelectual, 2011.

FACCIO, Florencia. *El primer Campeonato Mundial de Fútbol, Uruguay 1930, en el contexto de la globalización*. In: Cuaderno de História 8. *A romper lared: abordajes en torno al fútbol uruguayo*. Montevideú. Biblioteca Nacional, 2012.

FELD, Claudia. *ESMA, hora cero: las noticias sobre la Escuela Mecánica de la Armada en la prensa de la transición*. La Plata: Sociohistórica: Cuadernos del CISH, 2008.

FLORENZANO, J. P. *A democracia Corinthiana: práticas de libertação no futebol brasileiro*. Tese de Doutorado, PUC, 2003. p. 13 apud MARTINS, Mariana Zuaneti. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Campinas, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2012.

FREGA, Ana. *La formulación de un modelo 1890-1918* In: FREGA, Ana; RODRIGUEZ AYCAGUER, Ana María; RUIZ, ESTHER; PORRINI, Rodolfo; ISLAS, Ariadna; BONFANTI, Daniele; BROQUETAS, Magdalena; CUADROS, Inés. *Historia del Uruguay en el siglo XX: 1890-2005*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

FRYDENBERG, Julio. *História Social del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires. Siglo Veintiuno Editores, 2013.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: 2010.

GOMES, Rafael Nascimento. *A inserção internacional do Uruguai de Gabriel Terra (1931 - 1938)*. Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. 2013.

<sup>1</sup>HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

IBARRA, Luis. *Entre la precarización y el mando: los Consejos de Salario de Uruguay*. Montevideo. IX Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales Universidad de la República (Udelar), 2013.

LOPES, Felipe. *Futebol e Poder: reflexões sobre a tese do “ópio do povo”*. Revista Espaço Ética. São Paulo, ano I, nº 2 Maio de 2014.

LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (org). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas. Editora da Unicamp, 2004. p 130.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *Nacional y Peñarol en e lNovecientos: la génesis de larivalidadclásica*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideo. Biblioteca Nacional, 2014.

MORALES, Andrés. *La identidad rioplatense y el fútbol. Confraternidad y violencia en el clásico del Río de la Plata*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevideo. Biblioteca Nacional, 2014.

MORALES, Franklin. *Fútbol y Literatura*. Montevideo. Capítulos Orientales nº42. [s/d].

MORALES, Franklin. *Literatura y Fútbol*. Montevideo. Centro Editor de América Latina. Capitulo Oriental 42, s/d

MORALES, Franklin. *Maracanã: os labirintos do carater*. São Paulo. Companhia das Letras, 2014

NERCESIAN, Inés. *Dossier Uruguay*. Buenos Aires. Observatorio Latinoamericano 11, 2013.

NOTARO, Jorge. *Los Salarios en Uruguay, 1930 -1950*. Montevideo. América Latina Historia Economica, ano 20 nº 2, 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000.

PORRINI, Rodolfo. *Izquierda uruguaya y cultura obrera. Propuesta al ‘aire libre’: el caso del fútbol (Montevideo, 1920 – 1950)*. Maringá. Diálogos v. 16, n.1, 2012.

PORRINI, Rodolfo. *Movimientos Sociales: el movimiento sindical y las organizaciones sociales*. Montevidéo. Nuestro Tiempo. 2014.

QUINTELA, Guido. *Colombes 1924: El triunfo celeste y sus usos políticos*. In: Cuaderno de História 14. *A romper lared: miradas sobre fútbol, cultura y sociedad*. Montevidéo. Biblioteca Nacional, 2014

REIS, Guilherme Simões. *A disputa político-partidária no Uruguai: oponentes externos, adversários internos*. Rio de Janeiro. Observatório Político Sul-Americano v. 6, n. 03. 2011

REYES, Andrés. *Historia del Club Nacional de Football*. Montevidéo: Aguilar, 2010.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANGUINETTI, Julio María. *Luis Batlle Berres: el Uruguay del optimismo*. Montevideo. Taurus, 2014.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. *A construção de histórias do futebol brasileiro (1922 – 2000): reflexões*. Revista Tempo. Niterói. Vol 19 nº 34.

SCHATZ, Patrícia Volk. *A Estatização do Futebol: da Copa do Mundo de 1970 a minicopa de 1972*. Trabalho de Conclusão de Curso em História UDESC, 2012.

SOUZA, Marcos Alves. *A Cultura Política do “batllismo” no Uruguai: 1903 – 1958*. São Paulo. Annablume/Fapesp, 2003

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. São Paulo. Paz & Terra, 2011.

## FILMES

- Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor (Argentina). Direção: Lúcio de Castro. Produção: Lúcio de Castro. Rio de Janeiro, Doc, 50 min, 2012.
- Mundial '78: la história paralela. Direção: Gozalo Bonadeo, Diego Guebel e Mario Pergolini. Produção: Gonzalo Bonadeo e Mario Pergolini. Buenos Aires, Doc, 60 min, 2003.
- Ser Campeão é detalhe – Democracia Corintiana. Direção: Gustavo Forti Leitão e Caetano Biasi. Produção: DNA Filmes. São Paulo, Doc, 25 min, 2011.
- 120, serás eterno como el tiempo. Direção: Shay Levart. Produção: Ari Carretero, Lucía Moreira, Shay Levart. Montevideú, Doc, 145 min, 2012.
- Maracaná. Direção: Sebastián Bednarik; Andrés Varela. Produção: Coral Cine. Montevideú, doc, 75 min. 2014.